A Liahona 23/11 novembro 1970

Mensagem de Inspiração

Richad L. Evans
do Conselho dos Doze

Há tentação por tôda parte, assim como por tôda parte há oportunidades de fazer o bem e de fazer o mal; mas não deveríamos tentar a tentação. Como disse um excêntrico observador: "Algumas pessoas, ao fugirem da tentação, sempre deixam uma pista indicando onde poderão ser de nôvo encontradas." Se não quisermos cometer um êrro, não devemos nem entreter a idéia de cometê-lo. Se não quisermos que a tentação nos acompanhe, não devemos agir como se nela estivéssemos interessados. Ninguém jamais caiu em um precipício sem antes ter-se aproximado dêle.

Diga-se de passagem, que nosso Pai Celestial não é um teórico. A Criação não é mantida em curso por uma teoria. A primavera não retorna devido à teoria, nem as sementes germinam por teoria. As fôrças físicas, morais e espirituais ainda estão em vigência. Ninguém as repeliu e ninguém teria o direito de fazê-lo, exceto Deus, que as deu. E quando nosso Pai nos dá conselho ou mandamentos, podemos estar seguros de que são vitalmente essenciais. Quando êle nos diz algo, é melhor que o acreditemos. Se vivermos de uma certa maneira, obteremos um certo resultado, se vivermos de outra maneira, obteremos outro resultado.

Deus os abençôe, meus jovens amigos. Não vivam de rumores. Não corram sem objetivos de um lado para o outro, procurando por algo que já foi encontrado. Não vivam dos enganos e tentações dêstes tempos. Vivam segundo os conselhos e mandamentos dados por Deus e encontrem a felicidade e a paz que nos advém ao vivermos limpa e sòbriamente no temor de Deus.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Richard L. Evans 2
Nossa Preocupação por todos... Pres. Joseph Fielding Smith 3
A Solene Assembléia. Jay M. Todd 5
Relatório Estatístico, 1969. 7
A Realidade de Deus. Howard W. Hunter 8
Da Fraqueza para a Fôrça. Pres. Hartman Rector, Jr. 10
A Honestidade é a Melhor Política. Theodore M. Burton 12
Se Não Tivesse Amor. Theodore M. Burton 14
Sejamos Valentes. Pres. N. Eldon Tanner 15
Pedrinho e o Primeiro Dia de Aula. Kathleen C. Phillips 17
Daví, o Pequeno Pastor. Dorothy O. Barker 19
Dízimo. Bispo John H. Vandenberg 21
O Espírito Fala Eloqüentemente. Boyd K. Packer 23
Apenas um Professor. Thomas S. Monson 25
Sara M. Tanner. Eleanor Knowles 28
Salvação é Assunto de Família. Pres. Bruce McConkie 30
Notícias da Igreja no Brasil 32
O Essencial é Mostrar-lhes. Richard L. Evans 40

Capa

João Batista Confere o Sacerdócio Aarônico a Joseph Smith e a Oliver Cowdery" é a cena que ilustra a capa dêste mês, numa concepção artística de Tom Lovell, que pesquisou cuidadosamente as referências a êste grande momento da História da Igreja e estudou fotografias das margens do Rio Susquehanna em negativos de vidro obtidos há mais de oitenta anos. A tela original fará parte do material gráfico em exibição no nôvo centro de visitantes em Independence, Missouri.

A Liahona 23/11 novembro 1970

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Produtor
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Correspondente
Estevam Giagnório

Estaca São Paulo Sul
R. Catequese, 432, Santo André, SP

Correspondente
Armando Jekabson

Missão Brasil Central
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Correspondente
Bruce G. Howard

Missão Brasil Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

Correspondente
Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Correspondentes
Michael D. Knight, Walmir Silva

Construção Geral no Brasil
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Correspondente
Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263, impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações expontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,00; exemplar atrasado: Cr$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Nossa Preocupação por Todos os Filhos de Nosso Pai

Presidente Joseph Fielding Smith

Queridos Irmãos e Irmãs. Sinto-me grato, além da minha capacidade de exprimí-lo, pelas bênçãos que o Senhor concedeu a mim, aos membros fiéis da sua Igreja nas várias nações da terra e a todos os seus filhos de tôda parte.

Dou graças ao Senhor todos os dias da minha vida por ter êle restaurado, nestes últimos dias, o seu Evangelho eterno para a salvação de todos os que crerem e obedecerem as suas leis.

Dou graças ao Senhor pela vida e pelo ministério de cada um dos grandes e bons homens que êle chamou para dirigir os negócios do seu reino nestes últimos dias.

Quero exprimir, em particular, o quanto sinto a falta do Presidente David O. McKay. Como todos sabemos, êle foi homem de grande fôrça espiritual, líder inato de homens, amado pelo seu povo e honrado pelo mundo. Por todos os dias futuros, levantar-se-ão os homens e bendirão o seu nome.

O Presidente McKay freqüentemente nos relembrava que a nossa missão é para todo o mundo — para a paz, esperança e felicidade, salvação eterna e temporal para todos os filhos de nosso Pai.

Êle estendeu oportunidades educacionais a muitos povos em muitos países — ao Havaí, à América Latina e amplamente entre os índios norte-americanos. Em sua notável e abrangente administração, procurou abençoar os povos de todo o mundo, o tanto quanto possível.

E digo-vos, meus queridos irmãos e irmãs, que sei que o Senhor agradou-se da ampla e previdente administração do Presidente McKay. Com tôdas as minhas fôrças de persuasão, exorto êste povo a continuar a alcançar e abençoar a vida de todos os filhos de nosso Pai, onde quer que estejam.

Pudera eu exprimir quão satisfeitos estamos, como povo, pela incrementada compreensão e pelo bondoso relacionamento que gozamos com as outras crenças. Confiantemente oro para que êste sadio relacionamento de boa vontade e de companheirismo cristão cresça e abençõe a vida de todos que por êle forem tocados.

Creio que se todos os homens soubessem e compreendessem quem são, estivessem cônscios da sua divina origem e do infinito potencial que é parte da sua herança, teriam sentimentos de bondade e de fraternidade uns pelos outros que alterariam inteiramente a sua maneira de viver e trariam paz à terra.

Cremos na dignidade e na divina origem do homem. Nossa fé está alicerçada no fato de que Deus é nosso Pai, de que somos seus filhos e de que todos os homens são irmãos e irmãs em uma mesma família eterna.

Como membros da sua família, habitamos com êle antes que tivessem sido lançados os fundamentos desta terra. Êle ordenou e estabeleceu o plano de salvação pelo qual ganhamos o privilégio de avançarmos e progredirmos tal como estamos empenhados em fazer.

O Deus que adoramos é um ser glorificado em quem habitam todo o poder e a perfeição. Criou o homem à sua própria imagem e semelhança, com as mesmas características e atributos que êle próprio possui.

Assim, nossa crença na dignidade e no destino do homem é, ao mesmo tempo, parte da nossa teologia e do nosso modo de vida. Ésta é a própria base do ensinamento de nosso Senhor no qual o primeiro e grande mandamento é: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento"; e o segundo grande mandamento é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Vide Mateus 22:37-39)

Por ser Deus nosso Pai, temos um natural desejo de amá-lo, servi-lo e sermos membros dígnos da sua família. Sentimos a obrigação de fazermos o que deseja que façamos, de guardarmos seus mandamentos e vivermos em harmonia com os padrões do seu Evangelho — sendo tudo isto partes essenciais da verdadeira adoração.

E por serem todos os homens nossos irmãos, temos um desejo de amá-los, abençoá-los e nos associarmos a êles — também isto aceitamos como parte essencial da verdadeira adoração.

Assim, tudo quanto fazemos na Igreja tem por centro a divina lei de que devemos amar e adorar a Deus e servirmos ao nosso próximo.

Não é de se admirar, portanto, que como Igreja e como povo, tenhamos profunda e permanente preocupação pelo bem estar de todos os filhos de nosso Pai. Buscamos seu bem estar temporal e espiritual juntamente com o nosso próprio. Oramos por êles como por nós próprios e tentamos viver de maneira tal que, vendo êles nossas boas obras, venham a glorificar nosso Pai que está no céu.

Como Igreja, temos prazer em recomendar e encorajar todo projeto ou empreendimento de natureza cívica e cultural que seja edificante, sadio e que seja para bênção e aprimoramento da humanidade.

Uma das nossas Regras de Fé declara: "Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens... Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos." (13.ª Regra de Fé)

E em uma das suas revelações, o Senhor aconselha que: "os homens devem ocupar-se zelosamente de uma boa causa e fazer muito de sua própria e livre vontade e realizar muito bem." (D&C 58:27)

Contemplamos com firme desfavor algumas tendências culturais e sociais que têm existido e existem em nossa sociedade. Cremos firmemente que tôdas as decisões a respeito de questões morais deveriam estar em harmonia com as Sagradas Escrituras, a partir do Velho Testamento e incluindo os outros volumes de textos revelados que Deus nos deu nas subseqüentes dispensações.

Um dêstes divinos padrões declara: "E o que não edifica não é de Deus e é treva." (D&C 50:23) Como povo, buscamos para nós mesmos e para tôda a humanidade sòmente o que é edificante, iluminador, enlevante e enobrecedor.

Cremos ser essencial que nossos jovens obtenham suficiente instrução para cuidarem de si mesmos nesta era tão altamente especializada; e também para servirem seu próximo. Temos apoiado no passado e continuaremos a apoiar no futuro a educação em todos os níveis.

Não obstante, temos pouca simpatia pelo espírito de dissidência e rompimento que por vêzes se encontra nos "campus" do país. Exortamos os nossos jovens a evitarem tais demonstrações de conduta desordenada para, pelo contrário, acharem-se do lado da lei, da ordem e da ação circunspecta.

É nossa oração e nossa esperança que em tôdas as nações os homens vivam em paz, respeitando-se uns aos outros em suas crenças e formas de adoração; e que o espírito de união e fraternidade seja abundante em tôda parte.

Sabemos que muitos buscam viver vidas retas e manter substancialmente os mesmos padrões aos quais aderimos. Saudamos seu encorajamento e esperamos que queiram aceitar camaradagem cristã de nós, tanto quanto de todos quantos buscam estas grandes metas tão indispensáveis à verdadeira adoração e unidade. Temos grande preocupação pelo bem-estar moral e espiritual da juventude de todo o mundo. Moralidade, castidade, virtude, liberdade do pecado — tais ítens devem fundamentar nossa maneira de viver, se é que pretendemos realizar seu pleno propósito.

Rogamos aos pais que ensinem a pureza pessoal por preceito e exemplo e aconselhem seus filhos em tôdas estas coisas.

Pedimos que os pais sejam exemplos de retidão em sua própria vida, ajuntem seus filhos ao seu redor e ensinem-lhes o Evangelho, nas noites de reunião familiar e em outras ocasiões.

Confiamos na jovem geração que se levanta na Igreja e lhe rogamos que não acompanhem as modas e os costumes do mundo, não partilhem do espírito de rebelião, não abandonem as sendas da virtude e da verdade. Cremos em sua bondade fundamental e esperamos que se tornem pilares de retidão, para cuidarem da obra da Igreja com crescente fé e eficiência.

Nossos jovens estão entre os mais abençoados e favorecidos dos filhos de nosso Pai. São a nobreza do céu, uma geração eleita e escolhida que tem um divino futuro. Seus espíritos foram reservados para virem nestes dias em que o Evangelho está sôbre a terra, quando o Senhor precisa de servos valentes para cuidarem da grande obra dos últimos dias.

Que o Senhor a abençôe, juventude de Sião, a mantenha fiel a todos os convênios e obrigações, a leve pelos caminhos da luz e da verdade e a preserve das grandes tribulações vindouras.

Jamais houve uma época, nesta era da história da terra, pelo menos, em que as bençãos de um Pai misericordioso e amável, foram tão necessárias aos homens como o são hoje.

Assim, rogo a Deus, nosso Pai Celestial, que abra as janelas do céu e derrame sôbre seus filhos de tôda a terra aquelas grandes e eternas bênçãos que melhorarão a sua sorte tanto espiritual quanto temporalmente.

Que os homens abandonem os caminhos do mundo e voltem-se para o Deus que os fêz!

Que possam abrir seus corações e receber as palavras de luz e de verdade que se acham no Evangelho do seu Filho!

Que possa haver paz na terra, fraternidade entre as nações e amor no coração dos homens!

Rogo que Deus, nosso Pai Eterno contemple com amor e misericórdia o seu povo de tôda parte, e a todos quantos o escolheram como seu Deus e que buscarão serví-lo em nome do seu Filho.

Oro para que os pais possam ser uma luz para seus filhos; que possam guiá-los nos caminhos da verdade e da retidão; e que os filhos possam corresponder ao ensino dos seus pais e serem preservados dos males do mundo.

Oro pelos fracos e cansados, por aquêles que estão carregados de cuidados e de tristezas, por aquêles que precisam de confôrto e de segurança no meio das tempestades da vida.

Que o Senhor lhes conceda a paz segundo a promessa do seu Filho, que disse aos santos da antiguidade: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

Possa o Senhor conceder a nós e a todos os homens a plenitude das bênçãos que formos capazes de receber nesta vida e então nos aceite em seu reino nas eternidades que estão adiante — é tudo quanto rogo em humildade e em ação de graças, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

A Solene Assembléia

Jay M. Todd
Editor Associado

No dia 6 de abril de 1970 — no 140.º aniversário da organização da Igreja, a qual se deu em 1830 — o Presidente Joseph Fielding Smith foi apoiado em solene assembléia como décimo Profeta, Vidente, Revelador e Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Representantes de quase tôdas as estacas, alas, ramos e missões da Igreja, reuniram-se no Tabernáculo da Praça do Templo, para a sessão matinal da 140.ª Conferência Geral Anual. Reuniram-se para participar de uma das mais emocionantes, inspiradoras e humildes experiências do govêrno da Igreja: o apôio em solene assembléia de um nôvo Presidente da Igreja, dos membros da Primeira Presidência, do Conselho dos Doze e do Patriarca da Igreja como profetas, videntes e reveladores.

Em várias revelações dadas ao Profeta Joseph Smith, o Senhor o instruiu a convocar "assembléia solene" (vide D&C 88:70; 95:7; 109:6). Êste sistema de votação tem sido usado desde a ocasião em que foi apoiado o Presidente John Taylor na Conferência Geral de 1880. Tais assembléias constituem ocasiões de compromisso e de dedicação, ocasiões identificadas com um derramamento do Espírito sôbre os que participam pessoalmente ou pelo rádio e a televisão.

No apôio das Autoridades Gerais da Igreja, a assembléia solene identificou-se com o sistema de votação pelo qual os principais concílios do govêrno do sacerdócio e os vários quóruns do sacerdócio (que ocupam diferentes lugares no Tabernáculo) levantam-se e votam independentemente pelo levantamento da mão direita a cada proposta, após o que, a congregação levanta-se e vota.

A última votação levou cêrca de 35 minutos.

Votação da Primeira Presidência

1. A Primeira Presidência ergueu-se e votou em apôio ao Presidente Joseph Fielding Smith como Profeta, Vidente, Revelador e Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; votou em apôio ao

Presidente Harold Bingham Lee como Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência; e votou em apôio ao Presidente Nathan Eldon Tanner como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência. Então sentou-se.

2. Levantou-se o Conselho dos Doze, votou pelas propostas acima e sentou-se.

3. Os patriarcas da Igreja, incluso o Patriarca da Igreja, levantaram-se, votaram as três propostas acima e sentaram-se.

4. Os Sumo Sacerdotes da Igreja, incluso os Assistentes do Conselho dos Doze, Representantes Regionais dos Doze, Presidentes de Estacas e seus Conselheiros, membros dos Sumo Conselhos, o Bispado Presidente e Bispados de Alas, votaram as três propostas acima e sentaram-se.

5. Os Setentas da Igreja, incluso os Presidentes do Primeiro Conselho dos Setentas, levantaram-se, votaram as três propostas acima e sentaram-se.

6. Os Élderes da Igreja levantaram-se, votaram as três propostas acima e sentaram-se.

7. O Sacerdócio Menor da Igreja levantou-se, votou as três propostas acima e sentou-se.

8. Tôda a Congregação, inclusive os que haviam votado antes, levantou-se, votou as três propostas acima e sentou-se.

Votação do Presidente do Conselho dos Doze, do Presidente em exercício do Conselho dos Doze e dos Membros do Conselho dos Doze.

1. A Primeira Presidência levantou-se e votou em apôio ao Presidente Harold Bingham Lee como Presidente do Conselho dos Doze e ao Presidente Spencer Woolley Kimball como Presidente em exercício do Conselho dos Doze; votou em apôio aos membros do Conselho dos Doze: Spencer Woolley Kimball, Ezra Taft Benson, Mark E. Petersen, Delbert L. Stapley, Marion G. Romney, Le Grand Richards, Richard L. Evans, Hugh B. Brown, Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson e Boyd K. Packer.

Sentaram-se então os membros da Primeira Presidência.

2. O Conselho dos Doze ergueu-se, votou as propostas acima e sentou-se. De modo similar ao que se seguiu na votação da Primeira Presidência, os patriarcas, os sumo-sacerdotes, os setentas, os élderes o Sacerdócio Menor e tôda a congregação, cada grupo por vez, votaram as propostas.

Votação do Patriarca da Igreja

1. A Primeira Presidência levantou-se, votou para apoiar Eldred G. Smith como Patriarca da Igreja e sentou-se.

2. De modo similar ao que se seguiu na votação da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze, patriarcas, sumo-sacerdotes, setentas, élderes, Sacerdócio Menor e tôda a congregação então votou, por turnos, esta proposta.

Votação dos Profetas, Videntes e Reveladores.

1. A Primeira Presidência levantou-se e votou em apoio aos Conselheiros da Primeira Presidência, os Doze Apóstolos e o Patriarca da Igreja como profetas videntes e reveladores. Então, sentou-se.

2. À medida que eram chamados, seguindo a ordem acima, o Conselho dos Doze, patriarcas, sumo-sacerdotes, setentas, élderes, Sacerdócio Menor e tôda a congregação, por turnos, votaram a proposição.

Seguindo êste procedimento de votação, as demais votações procederam-se segundo o padrão usual: todos os membros sentados votando ao mesmo tempo com a mão erguida. Êste procedimento, similar ao usado em outras conferências gerais da Igreja, foi seguido para a votação dos Assistentes do Conselho dos Doze; Joseph Fielding Smith como depositário em confiança da Igreja; o Primeiro Conselho dos Setenta; o Bispado Presidente; Representantes Regionais dos Doze; Historiador da Igreja e Historiadores Assistentes da Igreja; integrantes dos quatro comitês gerais do sacerdócio: bem-estar, ensino familiar, trabalho missionário e trabalho genealógico; Junta de Educação da Igreja; Comitê de Finanças da Igreja; oficiais do Côro do Tabernáculo; oficiais gerais das auxiliares e membros das juntas presentemente constituidas da Sociedade de Socorro, União das Escolas Dominicais Deseret, Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes, Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças e Associação da Primária.

Foram então lidos o relatório estatístico anual e o relatório do Comitê de Finanças da Igreja.

Relatório Estatístico 1969

A Primeira Presidência fêz publicar o seguinte relatório estatístico com respeito ao número de membros da Igreja no final do ano de 1969:

Estacas	496
Alas	3.910
Ramos independentes nas estacas	682
Total de alas e ramos independentes nas estacas	4.592
Ramos de missões	2.016
Missões de tempo integral	88
Número de membros da Igreja	
Nas estacas	2.344.635
Nas missões	462.821
Total	2.807.456
Crescimento da Igreja durante 1969	
Crianças abençoadas nas estacas e nas missões	62.113
Crianças registradas batizadas nas estacas e missões	54.606
Conversos batizados nas estacas e missões	70.010
Estatísticas sociais (baseadas em dados das estacas em 1969)	
Nascimentos	28.180
Número de pessoas casadas	16.670
Óbitos	5.040
Membros portadores do Sacerdócio de Melquisedeque	
Elderes	233.108
Setentas	23.204
Sumo sacerdotes	78.973
Total do Sacerdócio de Melquisedeque	335.285
Membros portadores do Sacerdócio Aarônico	
Diáconos	128.614
Mestres	91.603
Sacerdotes	138.571
Total do Sacerdócio Aarônico	358.788
Total Geral do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque	694.073
(Um acréscimo de 33.183 durante o ano.)	
Organizações Auxiliares	
Sociedade de Socorro (número de sócias)	325.042
União das Escolas Dominicais Deseret (frequência média)	889.778
AMMR (alistamento)	292.891
AMMM (alistamento)	366.749
Primária (crianças)	464.100
Plano de Bem-Estar	
Pessoas assistidas durante o ano	96.429
Número de pessoas colocadas em emprêgos remunerados	8.814
Dias-homem de trabalho doados ao plano de bem-estar	202.637
Unidades-dia de uso de equipamento doadas	7.501
Sociedade Genealógica	
Nomes liberados para ordenanças do templo	1.423.502

(Os registros genealógicos microfilmados em 15 países durante o ano perfizeram um total de 208.419 rôlos de microfilmes de trinta metros para uso da Igreja, o que é equivalente a mais de 3.200.000 volumes impressos com 300 páginas cada.)

Templos	
Ordenanças realizadas nos 13 templos em operação:	
Para os vivos	55.206
Para os mortos	7.958.003
Total de ordenanças realizadas	8.013.209
Sistema Escolar da Igreja	
Alistamento cumulativo nas escolas da Igreja, incluso institutos e seminários	193.155

A Realidade de Deus

Howard W. Hunter
do Conselho dos Doze

Que coisa gloriosa é a vida, cercada pelas belezas do mundo em que vivemos. Há beleza nas montanhas, nos bosques e nos lagos. Há beleza no mar com suas ondas incessáveis; nos céus cheios de nuvens lanosas; no alvorecer e na chuva; beleza na manhã, na tarde e na noite. Ao virem e irem as estações, encontramos beleza no frescor da primavera, trazendo nova vida a tôda a natureza e beleza na glória do verão. O outono anuncia uma exibição de côres antes que o silencioso inverno traga seu manto branco. Há beleza em todo lugar, se a procuraramos.

Há uma exatidão de ordem no universo da qual nos tornamos conscientes. Os dias chegam e as noites se seguem. As marés sobem e baixam com regularidade, o recorrente ciclo lunar é exato; as estações vêm e vão na sequência da natureza. As estrêlas no céu seguem ordens repetidas exatas; os planetas e seus satélites giram precisamente em relação a seus sóis. O biólogo vê as maravilhas e a beleza da vida animal e vegetal, e o químico descobre os mistérios dos elementos da terra; mas com ou sem treinamento científico, tôda pessoa torna-se consciente de um vasto universo, no qual há intricada exatidão em tôda a natureza.

Quando observamos o fenômeno do céu e da terra, só podemos chegar a uma conclusão: êstes são os efeitos de uma grande causa. Não pode haver desenho sem um desenhista e nada bem construído sem um construtor. Para cada efeito há uma causa. É necessário haver u'a mão dirigente para regular o universo em sua precisa ordem. Somos compelidos a admitir a realidade de um Ser Supremo? Milhões de pessoas no mundo têm esta profunda e permanente convicção.

Deus é uma criação da mente humana ou é o homem uma criação de Deus? O homem luta com muitas questões fundamentais, mas a questão de Deus ser ou não uma realidade, deveria ter precedência. O caminho para a solução dêste problema difere do indicado pela pesquisa científica. Não estamos lidando com um assunto do campo material, mas sim espiritual.

A fim de encontrarmos Deus como uma realidade, precisamos seguir o curso que êle indicou para a busca. O caminho que leva adiante é aquêle que requer fé e esfôrço, e não é o mais fácil. Por essa razão, muitos homens não se devotarão à árdua tarefa de provar a si mesmos a realidade de Deus. Ao contrário, alguns tomam o caminho mais fácil e negam sua existência ou meramente seguem o curso de incerteza. Êstes são os ateus, pagãos, livres pensadores, céticos e agnósticos.

O caminho para o estudo de muitos assuntos, consiste na pesquisa de sua história e de todos os fatos conhecidos. Se começarmos pela história e voltarmos para o início do mais bem conhecido dos registros antigos, lemos estas palavras: "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gen. 1:1). Esta afirmação consiste na base da crença hebraica da criação, que a terra não apareceu por acaso; nem foi criada por acidente. É a criação intencional de um Ser Supremo, para um propósito definido e cheio de significado.

Devemos aceitar cegamente esta afirmação da criação do mundo? O escritor destas palavras no Pentateuco (os cinco primeiro livros da Bíblia) não foi testemunha ocular da criação do mundo, mas tinha a mesma fé convicta expressa mais tarde pelo autor da Epístola aos Hebreus, nestas palavras: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". (Heb. 11:1). Às vêzes a fé significa crer que algo é verdadeiro quando a evidência não é suficiente para estabelecer a certeza. Devemos continuar a investigação, seguindo a admoestação: "Pedí, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á.

"Porque aquêle que pede, recebe; e, o que busca, encontra; ao que bate, se abre". (Mat. 7:7-8).

Depois de anunciar que Deus criou o céu e a terra, o Velho Testamento relata que Deus conversou com nossos primeiros pais, Adão e Eva, no Jardim do Éden. Deu-lhes mandamentos e conversou com êles. Sem dúvida Adão instruiu seus descendentes, durante oito gerações até o pai de Noé, nas coisas que recebera de Deus por manifestações diretas. Noé comunicou-se diretamente com Deus e ensinou dez gerações de seus descendentes. Deus apareceu pessoalmente a Abraão, que o seguiu bem como a Isaque e Jacó. Moisés tornou-se o líder de seus descentes e lembramos da comunhão direta entre Deus e Moisés, cujo registro tem sido preservado por tôdas as gerações que se seguiram.

O Nôvo Testamento também registrou aparições de Deus. No batismo de Jesus por João, houve uma manifestação: "E eis que uma voz dos céus, dizia: Êste é o meu Filho amado, em quem me comprazo". (Mt. 3:17). E novamente na transfiguração sôbre a elevada montanha: "... E estando êle ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Êste é o meu Filho amado, em quem me comprazo: escutai-o.

"E os discípulos, ouvindo isto, caíram sôbre seus rostos, e tiveram grande mêdo" (Mt. 17: 5-6).

Êstes são apenas alguns exemplos das muitas aparições de Deus aos seus filhos, tal como foi registrado no Velho e no Nôvo Testamento. As Escrituras do hemisfério ocidental também registraram comunicações com Deus. A história documenta amplamente a realidade de Deus, por suas relações pessoais com o homem, de geração a geração, desde o princípio.

Não precisamos confiar apenas na história para evidenciar a existência de um Ser Supremo; o raciocínio também nos dará tal evidência. Um dos mais antigos argumentos disponíveis, pôsto em forma silogística, é êste: Tudo que é criado tem um criador. A terra foi criada; logo, a terra tem um criador. Referindo-me

novamente à Epístola aos Hebreus, seu autor declara nestas palavras que Deus é o criador da terra: "Porque tôda casa é edificada por alguém, mas o que edificou tôdas as coisas é Deus" (Heb. 3:4). O universo móvel e tôdas as suas belezas e maravilhas estão tentando nos ensinar a existência de Deus, como o grande Criador.

Um erudito disse: "...embora a ciência tenha feito tôdas as coisas para o homem, ela não pode fazer por êle o que sòmente êle pode fazer por si mesmo. A ciência pode ensinar mas o indivíduo apenas pode aprender, isto é, o aprendizado é um processo individual que a pessoa deve aplicar a si mesma, e ninguém por fazer por ela. Ninguém pode aprender por outra pessoa. A ciência geralmente ensina que há um Deus, não é? Mas **descobrí-lo** é um problema que o indivíduo deverá resolver. A declaração do ateu de que Deus não existe não prova nada. Êle pode crer sinceramente que não temos um Pai Celeste, mas certamente não pode **provar** que não há. Sim, sabemos que êle não sabe porque há indivíduos que positivamente testificam que sabem" (Joseph F. Merril, ex-membro do Conselho dos Doze, **The Truth-Seeker and Mormonism,** p. 104-105). Têm-se dito que não podemos encontrar Deus com os instrumentos da ciência ou na eletrônica de hoje. Aquêle que procura a verdade, entretanto, não pode deixar de notar um poder oculto tão esmagador para a consciência, que a existência de um Ser Supremo torna-se evidente se êle procurar a causa do efeito.

O homem tem uma necessidade inata de adorar. Na antiguidade, falou Deus a Israel: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim" (Exo. 20: 2-3).

Há profunda verdade na doutrina que está presente em tôda a história sagrada, ao afirmar que nenhum homem pode adorar mais do que um Deus. Adorar um Deus é ter uma suprema lealdade na vida. Se tivéssemos consciência de um Deus, o Pai Eterno, teríamos consciência de um mundo e de uma humanidade sob Deus, sendo todos irmãos.

O que leva as pessoas a sentirem a necessidade de adorar? Parece ser algo inato na alma do homem que o leva a procurar comunicação com Deus. No livro de Jó está escrito: "Na verdade, há um espírito no homem, e a inspiração do Todo Poderoso os faz entendidos" (Jó 32:8). Esta afirmação parece ser uma alusão à criação do homem. Por êste espírito êle torna-se capaz de entender e raciocinar, e consequentemente, de discernir a verdade divina. Por êste espírito êle vem a conhecer Deus.

Em edição às evidências históricas da existência de Deus e ao raciocínio humano, o conhecimento mais seguro sôbre êle vem através de suas revelações. Desde o início e durante todo o tempo do Velho e do Nôvo Testamento, Deus manifestou-se ao homem: primeiro a Adão, depois aos patriarcas de sua posteridade até Noé, com quem conversou. Depois de Noé, revelou-se aos que se seguiram: Abraão, Isaque, Jacó e Moisés e aos profetas até o ministério de Cristo. Falou na ocasião do batismo de Jesus e também quando de sua transfiguração.

Deus revelou-se ao líder do grupo de pessoas que deixou o velho mundo na época da Tôrre de Babel e veio ao hemisfério ocidental. Seiscentos anos antes de Cristo, êle falou a Lehi, guiando a êles e a sua família na viagem ao continente americano. Deus revelou-se na atual dispensação ao jovem Joseph Smith, que foi privilegiado em ver Deus, o Pai Eterno, e seu Filho, Jesus Cristo.

Assim, através dos tempos, têm-se revelado ao homem os personagens que compreendem a divindade: Deus, o Pai Eterno; Jesus Cristo, seu Filho, e o Espírito Santo. Êstes três são referidos na cristandade como a Trindade, embora sejam três personagens distintos, como foi demonstrado na ocasião do batismo de Jesus, quando a voz do Pai foi ouvida e o Espírito Santo desceu.

É regra geral que não conseguiremos alguma coisa de valor a menos que estejamos dispostos a pagar seu preço. O erudito não se torna culto a menos que trabalhe e se esforce para ser bem sucedido. Se não quiser fazer isto, poderá êle dizer que não existe erudição? Músicos, matemáticos, cientistas atletas e pessoas competentes em muitos campos de atividade, passam anos estudando, praticando e trabalhando àrduamente para adquirir habilidade. Podem os outros que não desejam esforçar-se dizer que não existe a música, a matemática, a ciência ou o atletismo? Da mesma forma, é tolice o homem dizer que Deus não existe, simplesmente porque não têve a inclinação de procurá-lo.

A história nos diz que Deus existe. A ciência confirma o fato de que há um Sêr Supremo. O raciocínio humano nos persuade que Deus existe. Suas revelações ao homem não deixam dúvida quanto à sua existência. A fim de se obter um conhecimento inabalável da realidade de Deus, precisamos viver os mandamentos e as doutrinas anunciadas pelo Salvador durante seu ministério pessoal. "Jesus lhes respondeu e disse: "A minha doutrina não é minha, mas daquêle que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo" (João 7:16-17).

Em outras palavras, aquêles que desejam investigar, que se empenhem, façam a vontade de Deus e terão o conhecimento da realidade de Deus.

Quando um homem encontra a Deus e consegue entender seus caminhos, aprende que nada no universo existe por acaso, mas tôdas as coisas resultaram de um plano divino pré-concebido. Quão significante torna-se a sua vida! Obtém entendimento que ultrapassa o conhecimento do mundo. As belezas do mundo tornam-se mais belas, a ordem do universo torna-se mais significativa e tôdas as criações de Deus são mais inteligíveis ao testemunhar os dias de Deus chegarem e irem embora e as estações seguirem-se em sua ordem. Se todos os homens pudessem encontrar Deus e seguir seus caminhos, o coração dos homens se transformaria em amor a seus irmãos e haveria paz entre as nações.

Testemunho-lhes que Deus vive e que êle é nosso eterno Pai Celestial. Sei que Jesus é o Cristo, seu Filho e Salvador do mundo. Sei também que Deus revela sua vontade aos seus profetas hoje, tal como fêz nas dispensações passadas. Oro para que possamos procurar Deus com um sincero desejo de conhecê-lo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Da Fraqueza para a Força

Presidente Hartman Rector, Jr.

do Primeiro Conselho dos Setenta

"O **homem, nascido de mulher,** vive breve tempo, cheio de inquietação" e tão disposto para o mal quanto "as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 14:1, 5:7).

Estas palavras do profeta Jó não são particularmente elogiosas para o homem, mas são verdadeiras. Representam apenas vividamente como é o homem natural. O Rei Benjamim acrescentou seu testemunho a isto, quando disse:

"Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e se-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor..." (Mosíah 3:19).

Êste é um forte testemunho contra o homem, mas uma leitura atenta das páginas da história deixa pouca dúvida sôbre a sua veracidade. A crueldade do homem sempre existiu e está agora em evidência em tôda parte.

Como poderá a natureza humana degradada ser mudada do mal para o bem? Basicamente, esta deve ser a mais importante pergunta que confronta a humanidade. Tôdas as outras perguntas parecem tornar-se insignificantes quando comparadas a **esta,** porque o homem não pode ser salvo **em** seus pecados. E, entretanto, há aquêles que dizem: "Não se pode mudar a natureza humana". Esta alegação é feita muito frequente e frìvolamente. Certamente é falsa. O Presidente David O. McKay ensinou algo completamente diferente disto em 1945, quando disse: "A natureza humana terá que ser enormemente mudada no futuro ou o mundo será afogado em seu próprio sangue".

Por um lado, o homem quer guardar os mandamentos de Deus e servir seu semelhante, por outro lado, não consegue esquecer o que quer fazer para si mesmo. Deseja pagar o dízimo, mas não pode deixar de pensar sôbre o que poderia comprar com êste dinheiro. Se parar de considerar o que poderia comprar com o dinheiro do Senhor, as tentações cessarão. Quando êle pára de alimentar o desejo do mal, êste morre. Mas, certamente, o que acontece com frequência é que alimentamos o desejo do mal o suficiente para conservá-lo vivo e assim nos mantemos em constante tumulto.

Presumo que todos nós temos certas fraquezas que nos impedem de estarmos tão sintonizados espiritualmente quanto gostaríamos de estar. Sem dúvida, você está familiarizado com a forma pela qual nos ajoelhamos diàriamente e pedimos ao Senhor que perdôe as nossas "fraquezas e imperfeições". Chamâmo-las fraquezas — não sei porque não as chamamos do que são realmente. É claro que, na realidade, estamos pedindo ao Senhor para perdoar-nos de nossos pecados. Mas de certa forma não gostamos de nos associar ao pecado, então os chamamos de fraquezas. De fato, temos fraquezas. Cada um de nós as tem, coisas que nos fazem desejar o que não é bom.

Onde vocês supõem que arranjamos estas fraquezas? Se fizermos esta pergunta a um grupo de Santos, ficaremos surprêsos com o número de respostas diferentes que receberemos. Alguns dirão que **êles** são responsáveis por suas **próprias** fraquezas; bem, se você **mantém** suas fraquezas, isto será verdade, mas esta não é a sua origem. Outro dirá que as fraquezas são hereditárias ou provêm do ambiente; num e noutro caso, estamos passando a responsabilidade para alguém mais, ou aos nossos pais ou à nossa vizinhança. Tanto os primeiros como a segunda têm grande influência sôbre nós, mas não são êles que nos tornam fracos. Ainda, outros poderão culpar Lúcifer, o diabo, por suas fraquezas; certamente está sempre trabalhando, mas também não responde de onde vêm nossas fraquezas. De onde provêm realmente?

O Senhor nos responde esta pergunta muito claramente no Livro de Mórmon. Diz êle:

"E, se os homens vierem a Mim, Eu lhes mostrarei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens a fim de que sejam humildes; e Minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante Mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em Mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre êles" (Éter 12:27).

Então de onde provêm nossas fraquezas? É o Senhor quem no-las dá; o Senhor dá-nos fraquezas para que sejamos humildes. Isto nos torna receptivos ao ensino. Entretanto, não me interpretem mal — o Senhor não é responsável pelo pecado; é apenas responsável pela fraqueza. Parece que todos os homens têm fraquezas de uma forma ou de outra, e traços de caráter que tendem mais para um ou outro tipo particular de tentação. Lehi declara que Deus "criou tôdas as coisas, os céus, a terra e tudo o que nêles existe tanto as coisas que se movem como as que são movidas.

"E para conseguir Seus eternos propósitos sôbre o fim do homem, depois de ter criado nossos primeiros pais, os animais dos campos, as aves dos céus, enfim, tôdas as coisas que foram criadas, era necessária uma oposição; e até mesmo o fruto proibido em oposição ao fruto da árvore da vida, um doce e outro amargo.

"O Senhor Deus deixou, portanto, que o homem obrasse por si mesmo; e o homem não poderia obrar por si mesmo a menos que fôsse atraído por uma ou outra coisa" (2 Ne. 2:14-16).

Entretanto, você é quem resolve o que fazer de sua fraqueza.

O Profeta Joseph Smith disse; "Há três princípios independentes; o Espírito de Deus, o espírito do homem e o espírito do diabo. Todos os homens têm poder para resistir ao diabo" (Teachings of the Prophet Joseph Smith, p. 189). Mas quando nossas fraquezas estão expostas a Satanás, êle ràpidamente aproveita-se de nós, tentando-nos em nosso egoísmo.

Dar-nos fraqueza, entretanto, é uma das maneiras do Senhor receber nossa atenção. Êle diz que êste é o meio que usa para fazer-nos humildes, mas diz também que se o procurarmos e tivermos fé nêle, nos fará fortes onde éramos fracos. Sei que isto é verdade. Há numerosos exemplos nas Escrituras que ilustram vìvidamente êste princípio: Alma e os filhos de Mosíah no Livro de Mórmon, Pedro e Paulo na Bíblia, para não mencionar outros. Alma estava para arrasar a Igreja, quando encontrou um anjo que o fêz voltar e o tornou um dos maiores missionários registrados no Livro de Mórmon. Paulo saiu em perseguição aos Santos, quando encontrou o Senhor na estrada de Damasco. Depois desta experiência, Paulo tornou-se um dos maiores missionários registrados na Bíblia. Em suas próprias palavras declarou: "Tudo posso naquêle que me fortalece" (Filip. 4:13).

Tenho testemunhado que essa mesma verdade vigora hoje. Certa ocasião, quando servia como presidente da missão da estaca, os missionários estavam visitando uma ótima pessoa, que não era membro da Igreja, mas era o marido de uma gentil irmã da Igreja. Êste bom irmão desejava filiar-se à Igreja, mas era viciado no fumo. Havia tentado várias vêzes abandonar o vício, mas disse que não conseguia; êle era muito fraco.

Havia seis missionários da estaca que o visitaram durante um considerável período de tempo, mas não haviam sido capazes de ajudá-lo a criar fôrça para deixar de fumar. Finalmente, sob a influência do Espírito, dissemos-lhe que se jejuássemos com êle, poderia vencer sua fraqueza. Considerou a proposta e a aceitou. Perguntamos a êle, então, se jejuaria por **dois dias.** Êle concordou, e o jejum foi feito. Jejuaram seis missionários, o irmão que fumava e sua espôsa.

Ao final do jejum encontramo-nos todos em sua casa e ajoelhamo-nos em sua sala, orando um por vez. As orações eram essencialmente iguais; pediam que o Senhor tirasse dêsse irmão o desejo de fumar. Êle foi o último a orar, e então levantou-se e disse: "Não mais desejo fumar". Não havia fumado naquêle dia. Desde aquela ocasião, tem servido no bispado de sua ala, e agora está servindo na superintendência da AMM da estaca. O Senhor retirou dêle literalmente sua fraqueza e o fêz, em vez disso, um baluarte de fôrça.

Assim, se temos uma fraqueza, não devemos nos desesperar; não devemos negligenciá-la, não devemos nos preocupar com ela. Entendido corretamente, isto meramente indica que o Senhor espera que a vençamos. E venceremos, também, porque o Senhor nos fará fortes, nossa fraqueza tornar-se-á a parte mais forte de nossa personalidade, quando procurarmos o Senhor em humildade e crendo nêle. Êle não sòmente nos perdôa, como também imediatamente nos abençoa. Há nova segurança, nova visão, novos horizontes — um nôvo nascimento.

O profeta Mórmon definiu claramente o que gosto de chamar qualificação para fazer milagres. Está registrado em 3 Nefi 8:1: "E então aconteceu, segundo nossos anais que sabemos ser verdadeiros, pois eis que foram anotados por um homem justo, que em verdade fêz muitos milagres em nome de Jesus, e que certamente não os teria feito se não estivesse completamente limpo de suas iniquidades".

Então a qualificação é esta: precisamos estar absolutamente limpos de tôda iniqüidade. Quando li pela primeira vez esta passagem da Escritura, tive vontade de dizer: "Viva o arrependimento", pois se não fôsse por êle, não haveria milagres.

Mas o arrependimento é concedido ao homem pelo Senhor. Estou convencido de que o arrependimento vem em cêrca de 90% do Senhor e em cêrca de 10% do homem. Nefi vai mais além e diz: "... pois sabemos que é pela graça que nos salvamos, depois de fazer tudo o que pudermos" (2 Ne. 25:23).

Entretanto, a parte que cabe ao homem é a mais importante e vital, porque precisa ser a primeira, ser completa e sincera. Um antigo documento hebraico declara: "Deve haver um espicaçar abaixo antes que haja um espicaçar acima". Isto significa que o arrependimento deve começar conosco, os mortais. Muitas vêzes dizemos que estamos esperando no Senhor, quando, na verdade, é o Senhor quem espera em nós.

"Por êste meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que êle os confessará e os abandonará" (D&C 58:43).

Quando isto acontece, o Senhor perdoa e imediatamente o abençoa. Quão afável e bondoso êle é. Testemunho-lhes, meus irmãos, que Deus, nosso Pai Celestial, vive, que ouve e responde nossas orações. Testemunho-lhes que Jesus é o Cristo e que êle vive. Sei que êle vive e que tornou possível o perdão dos pecados àqueles que o procuram por meio do arrependimento, que mediante o arrependimento e a obediência torna nossa fraqueza em fôrça. **Agora** é o momento.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Honestidade é a Melhor Política

Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Costumava-se dizer que a palavra de um mórmon tinha tanto valor quanto um documento seu. Quando um mórmon dava sua palavra, podia-se confiar nela, mesmo que isto significasse sacrifício pessoal de dinheiro, tempo ou esfôrço por parte dêle. Uma vez empenhada a palavra, podia-se contar com ela para o que êle havia prometido. Acontece o mesmo hoje?

A honestidade pode assumir muitas formas, tal como dar o trabalho de um dia inteiro, pelo pagamento de um dia inteiro. Pode ser considerado honesto aquêle que é ocioso no seu trabalho; aquêle que não quer ter dôres de cabeça com seu trabalho; aquêle que desperdiça tempo no reservado, no bebedouro ou aquêle que acrescenta mais 15 minutos à hora do almôço? É fácil fazer uma lista das práticas desonestas no trabalho, que roubam dinheiro do empregador. Podemos enumerar coisas tais como: telefonemas pessoais desnecessários, chegar atrazado ao serviço, levar para casa papel, lápis, sêlos ou remeter cartas pessoais através da companhia. Tais práticas, antigamente vistas com maus olhos, hoje são quase que universalmente aceitas, com a escusa de que "todos fazem isso". O fato é que **nem todos** fazem isso. Ainda há muitas pessoas honestas nêste mundo.

A honestidade vai além das coisas materiais. É preciso ser honesto em família. O marido precisa ser honesto com sua espôsa e a espôsa honesta com seu marido. Os filhos precisam ser honestos com os pais e os pais honestos com seus filhos. A honestidade implica em lealdade à família, aos amigos, aos vizinhos, à comunidade e à nação. A honestidade é um aglomerado de pequenas coisas que tornam uma pessoa digna de confiança. A honestidade é um princípio fundamental na verdadeira adoração do bondoso e amoroso Pai Celestial. A razão pela qual o Pai amou tanto seu Filho foi a de êle ter sido digno de confiança. Jesus disse:

"Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.

"Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Êste mandato recebi de meu Pai" (João 10:17-18).

Jesus usou o poder que Deus lhe deu, para ajudar os outros. Quão maravilhoso seria se pudéssemos igualmente dizer: "Por isso o Pai me ama, porque faço o que me pede para fazer".

Desejo ardentemente que **todos** os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possam ser contados entre os honestos e dignos de confiança dêste mundo. Alguns membros da Igreja sucumbem ao mundo em que vivem. Usam sua religião aos domingos, mas a esquecem ao entrarem no mundo dos negócios. Lá, tornam-se tão desonestos e falsos nos negócios quanto alguns de seus colegas. Você pode ser ao mesmo tempo bem sucedido e honesto — de fato, você pode obter mais sucesso agindo honestamente, do que jamais poderia conseguir agindo egoística e desonestamente.

Ninguém nasce honesto. Ninguém nasce desonesto. Temos que ser ensinados a sermos honestos. Temos que experimentar a dor, o aborrecimento e o desconfôrto da desonestidade para saber que verdadeiramente "a honestidade é a melhor política". O profeta Alma disse ao seu irmão Corlânton: "Eis que te digo que a iniquidade **nunca** foi felicidade" (Alma 41:10. Destaque do autor). As pessoas desonestas logo descobrirão isto. A desonestidade não sòmente arruína a vida, como também traz vergonha e desonra para a família. A desonestidade leva também vergonha e sofrimento ao povo da Igreja à qual pertencem. Queiramos ou não, todos logo sofremos os seus efeitos.

É fácil ser desonesto nas pequenas coisas. Poucas pessoas pensam que é desonesto levar um lápis para casa. A Igreja tem cêrca de 3.500 funcionários. Calculando Cr$ 0,20 por lápis, se cada um dêles levasse um lápis, o prejuízo montaria a Cr$ 700,00. Uma pessoa que jamais pensaria em roubar Cr$ 700,00 ainda assim não hesitaria em levar um lápis para casa. Entretanto, que limites ousa alguém estabelecer para a desonestidade? Pequenas coisas logo tornam-se grandes e antes que o saibamos, cometemos cada vez maiores pecados.

Contar uma mentira pode parecer uma coisa pequena, mas uma mentira leva a outra, até perder-se a reputação. Uma vez considerado mentiroso, trapaceiro e ladrão, será necessário um longo período de arrependimento e restauração para reobter a reputação tão fàcilmente manchada por um ato impensado e negligente. Desde que temos que aprender a ser honestos ou desonestos, porque não aprendermos a ser honestos?

Gostaria que todos os meninos tivessem a mãe que eu tive. Um dia voltei para casa comendo u'a maçã. Mamãe perguntou-me onde a havia conseguido. Disse-lhe que a havia "achado". Logo ela descobriu que eu a havia "achado" na mercearia do Sr. Goddard e insistiu que a devolvesse. Protestei que já havia comido parte dela, mas diante de sua insistência, levei de volta ao Sr. Goddard a maçã parcialmente comida e envergonhado disse-lhe que a havia furtado da sua mercearia. Êle telefonou à mamãe para dizer-lhe que eu a havia levado de volta e disse que me havia visto roubá-la, mas

que era uma coisa tão pequena que não se incomodou em dizer nada sôbre isso. Isto não era uma pequena coisa para mamãe. Amáva-nos muito para ter um ladrão na família.

Há um fenômeno que acompanha as pessoas desonestas. Antes de ter decorrido muito tempo, põem-se a criticar os líderes que lhes chamam a atenção pela sua iniquidade. Em vez de arrepender-se e mudar sua vida para melhor, tendem a justificar suas faltas, criticando seus líderes. O Profeta Joseph Smith disse:

"Vou dar-lhes uma das chaves dos mistérios do Reino. É um princípio eterno, que tem existido com Deus desde tôda eternidade: Aquêle que condena os outros, criticando a Igreja, dizendo que estão no caminho errado, enquanto êle é justo, saibam que indubitàvelmente êste homem está a caminho da apostasia; e se não se arrepender, apostará, tão certo como Deus vive" (**Teachings of the Prophet Joseph Smith,** Joseph Fielding Smith, comp., pp. 156-157).

Outro truísmo é que Deus abençoa os justos. Muitas vêzes, no momento em que Deus derrama bênçãos sôbre nós abundantemente, esquecêmo-nos dêle porque não mais precisamos do seu apoio. Espero que com o progresso atual não estejamos nos esquecendo de nosso Criador, nem esquecendo aquelas práticas de honestidade e integridade que nos tornaram o que somos hoje. Helamã, um grande profeta do Livro de Mórmon, escreveu:

"E assim podemos ver quão falso e inconstante é o coração dos filhos dos homens; sim, podemos ver como o Senhor, na grandeza de Sua infinita bondade, bendiz e faz prosperar os que colocam nêle a sua confiança.

"Sim, e vemos também que é justamente quando Êle faz prosperar Seu povo, sim, aumentando seus campos, seu gado e rebanhos, seu ouro, prata e tôda sorte de coisas preciosas, preservando sua vida, livrando-o das mãos de seus inimigos, abrandando o coração do inimigo para que não lhes faça guerra, sim, e finalmente fazendo tudo para o bem e felicidade de seu povo, sim, então é que os vemos endurecer os corações, esquecendo-se do Senhor e pisando sôbre o Santíssimo; sim, e isto em virtude de sua comodidade e enorme prosperidade.

"Sim, quão dispostos são êles a se entregar ao orgulho; sim, a se encher de orgulho e a se deleitar em tôda sorte de iniquidades; e quão lentos são em se recordar do Senhor seu Deus e dar ouvidos a Seus conselhos; sim, quão lentos são êles em trilhar o caminho da sabedoria (Hel. 12:1-2, 5).

Não seria sábio examinar nossas práticas para ver por que caminho estamos andando? É a nossa palavra tão válida quanto um documento nosso? Somos honestos para com os outros mesmo nas pequenas coisas?

Não há desculpa para nós SUD sermos indígnos de confiança só porque vivemos num mundo caracterizado por práticas espertas e desonestas. Não há desculpa para sermos desonestos porque outros mentem. Pelo contrário, precisamos ser líderes de retidão a fim de que os outros possam conhecer o caminho da honestidade e retidão que conduz de volta à presença de Deus, o Pai Eterno. O poder do Sacerdócio nos é dado para liderar. Aquêles que são portadores daquele Sacerdócio precisam ser pilares de honestidade e virtude em todos os sentidos da palavra. O apóstolo Pedro disse o seguinte aos líderes do Sacerdócio:

"Mas vós sois a geração, eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz,

"Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma,

"Tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem". (I Pe. 2:9, 11-12).

Como filhos de Deus, nossa vida precisa ser preenchida com boas obras, práticas e virtudes honestas que são características dos filhos de Deus. Quando tomamos sôbre nós o nome de Jesus Cristo, **aceitamos** a responsabilidade de guardar êste grande nome com nossa vida.

Fracassar em honrar aquêle nome real que como cristãos trazemos, é expôr o Deus em quem cremos ao ridículo e à vergonha. Com efeito, o crucificamos de nôvo diante do mundo.

Agora sabemos que essas coisas são verdadeiras. Tal como Amuleque no passado, conhecemos melhor, mas muitas vêzes não escutaremos. Como disse Amuleque:

"...endureci meu coração, pois fui chamado muitas vêzes e não quis ouvir; e tudo sabia, portanto, a respeito destas coisas, mas recusava reconhecê-las ; e assim me fui rebelando contra Deus, na maldade de meu coração..." (Alma 10:6).

Você sabe, como eu sei, que os planos do Senhor não falharão. Seus propósitos se cumprirão e êle nos salvará dos nossos pecados se não endurecermos o coração.

Esta é a obra do Senhor. Como filhos de Deus, não podemos decepcioná-lo. Obedeçamos todos, pois, àqueles ensinamentos que sabemos do fundo do coração serem verdadeiros. É tempo de lembrar que Jesus verdadeiramente é o Cristo, o filho do Deus vivo. Êle é o Redentor e Salvador dêste mundo. Da divindade de seus ensinamentos e da retidão de sua causa, presto meu testemunho pessoal, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Se Não Tivesse Amor

Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Quando o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios, o fêz aos membros da Igreja de Jesus Cristo de sua época, que viviam na Grécia, num mundo político e secular cheio de hipocrisia. Não podiam deixar de ser influenciados pelo ambiente. Logo começaram a considerar a letra como mais importante do que o espírito da lei e a supor que os objetivos a serem procurados eram a erudição e o conhecimento. Consideravam os princípios e ordenanças do Evangelho como dispositivos mecânicos que lhes assegurariam a salvação. Para êles, o homem natural tornou-se mais importante do que o homem espiritual.

Paulo sentiu necessário chocá-los com a compreensão dos verdadeiros valôres do Evangelho ensinado por Jesus Cristo. Escreveu:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade (o puro amor de Cristo), seria como o metal que soa, ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia e conhecesse todos os mistérios e tôda a ciência e ainda que tivesse tôda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria". (I Cor. 13:12).

O Evangelho de amor ensinado por Jesus e seus apóstolos, é tão importante hoje como no passado. O Evangelho de amor não mudou.

Os santos vivem hoje sob quase as mesmas condições em que viviam os santos Coríntios na antiga Grécia. Nós também estamos cercados de hipocrisia. A palavra "amor" foi transformada num desagradável calão. A palavra usada nos cartazes de passeata dos grupos rebeldes que procuram subverter nossa sociedade, não é o amor de que falou Paulo. A palavra pixada nos postes e nos muros não é o amor a que Paulo se referia como "caridade".

A caridade é a mais nobre forma de amor. É um amor tão grande que desejamos dar parte de nós aos outros, mostrando-lhes com que cuidado, consideração e compaixão os estimamos. É fácil dizer: "Eu o amo". Mas o amor não deveria ser apenas declarado; deveria ser provado com ações. O amor, a menos que seja demonstrado, é como o soar de címbalos e o rufar de tambores, que ensurdecem os ouvidos e não confortam a alma. O amor, então, para ser amor verdadeiro, implica em sacrifício da parte de quem dá e de quem recebe, tal como o demonstrou Jesus em sua vida terrena.

Algumas irmãs que haviam saído a fim de cumprir uma designação da Igreja, dirigiam sob a chuva quando furou o pneu. Pararam o carro no acostamento. A pista estava molhada e perigosa. Estavam quase em cima da hora marcada para a reunião. Saíram do carro e haviam apenas levantado o capô do porta-malas quando uma camioneta parou atrás delas. O jovem motorista, cêrca de 19 anos, notou o que acontecera, ligou os faróis, mandou-as voltar ao carro e trocou o pneu para elas. As irmãs ficaram tão gratas que, ao agradecer-lhe, colocaram duas notas de um dólar em suas mãos. Êle jogou o dinheiro no porta-malas, bateu o capô e disse: "Vocês estragaram a brincadeira!" O jovem entendia o verdadeiro significado do amor.

Servir aos outros é verdadeiro amor se formos além daquilo pelo que somos pagos. Perguntou-se a uma jovem que trabalha como secretária: "Gosta do seu trabalho?" Respondeu ela: "Adoro!" Mas não era ela paga para fazer aquêle serviço? A resposta é que ela era paga para trabalhar das oito às dezessete horas, cinco dias por semana. Ela chegava quinze minutos antes, tirava o pó da mesa de seu chefe, arrumava seus papéis e regava as plantas de sua sala, que ela mesma havia providenciado. Era gentil ao atender o telefone, solícita em antecipar providências e estava sempre pronta a transmitir um recado ou fazer um favor. Algumas vêzes datilografava novamente uma carta borrada, para torná-la perfeita e ficava no escritório até que seu chefe terminasse seu trabalho, embora isto significasse muitas vêzes trabalhar quinze ou trinta minutos depois do expediente, pelos quais não era paga. Quando visitantes lhe perguntavam onde encontrar certa pessoa, em vez de encaminhá-los, levava-os pessoalmente e os apresentava, fazendo ambas as pessoas sentirem-se importantes. Mostrava pelos seus atos que amava seu trabalho.

Gentilezas pagas não representam verdadeiro amor ou caridade. As pessoas modernas tendem a zombar das "boas ações" dos escoteiros, como um anacronismo fora de moda. Paulo salientou que "a caridade nunca falha" (I Cor. 13:8). Nunca sai fora de moda. Em outras palavras, é eterna. Os serviços aos outros com espírito de verdadeiro amor ou caridade é o ouro que você **poderá** levar consigo para o mundo futuro.

Um presidente de estaca, bem sucedido financeiramente, recusou o cargo de diretor de uma grande companhia de seguros porque iria tomar-lhe um tempo valioso de que precisava para cuidar de seus afazeres na estaca. Será que êle ama seu trabalho? Muitos diriam que êle foi tôlo em perder tal oportunidade e que Deus nunca pediria tal sacrifício de um homem. Além do mais, precisava ganhar a vida e, talvez, nessa posição poderia melhorar a imagem da Igreja. Acreditamos nisto? Se acreditamos, talvez as coisas dêste mundo começaram a nos afastar do entendimento do tipo de amor de que Paulo falou.

Se você é mestre familiar ou professor na Igreja e coloca essa designação acima de suas próprias conveniências, você está começando a perceber o espírito do amor. Se esta designação é feita sem contrariedade, ressentimento ou revolta, êste amor está crescendo. Se você ensina com um profundo espírito de gratidão pelo privilégio de estar a serviço de outros, você está praticando verdadeira caridade. É o espírito no qual uma coisa é feita que a eleva da realização comum à grandeza. O esplendor da felicidade íntima vem de fazer o certo pelas razões certas.

Assim, Paulo concluiu:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade" (I Cor. 13:13).

Sejamos Valentes

Presidente N. Eldon Tanner
da Primeira Presidência

Desde a minha mais remota lembrança, tentei ser guiado por uma citação da Escritura que meu pai me ensinou quando eu era menino. Desde aquela época, parece que nenhum sermão ou artigo meu fica completo sem ela:

"...**Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e tôdas estas coisas** (significando os bens temporais que são para o nosso proveito) **vos serão acrescentadas"** (Mt. 6:33).

Para mim êste é um fator contribuinte para o sucesso em qualquer campo. Sempre sustentei que a pessoa que segue esta admoestação será mais feliz e bem sucedida do que aquela que segue qualquer outro código de conduta. Não podemos esquecer nunca que a cada um de nós foi permitido vir a esta terra e gozar o estado de mortalidade a fim de que pudéssemos nos preparar para o estado de imortalidade e vida eterna junto ao nosso Pai Celestial.

Então, como realizar isto? Antes de tudo, precisamos compreender o Evangelho e os requisitos para ganhar esta grande bênção. Para entender o Evangelho precisamos aprender a conhecer Deus e a obedecer seus mandamentos, que nos foram dados com êste propósito. Precisamos aceitar seu filho Jesus Cristo como o Salvador do mundo e como nosso Redentor. Precisamos aceitar e viver seus ensinamentos. Disse-nos êle que o primeiro e grande mandamento é amarmos o Senhor nosso Deus de todo nosso coração e o segundo é amarmos nosso próximo como a nós mesmos.

Tal como nos informa a parábola do Bom Samaritano, todos os homens são nosso próximo. Entretanto, se amarmos nossos semelhantes como a nós mesmos, desejaremos que êles gozem das mesmas bênçãos que nós gozamos. Desde que nossas maiores bênçãos vêm do Evangelho, nosso maior desejo deveria ser partilhar o Evangelho com nosso próximo.

Quando estávamos presidindo a Missão Européia Ocidental, além de trabalhar com os missionários, tivemos a oportunidade de associarmo-nos com alguns militares americanos. Realizamos uma conferência em Berchtesgaden, Alemanha Ocidental, à qual êsses homens compareceram com suas espôsas e filhos — eram mais de mil pessoas. Foi muito encorajador ouvir êstes jovens, que haviam sido designados para postos em tôdas as partes do mundo, onde muitas vêzes havia um, dois ou vários membros da Igreja no seu grupo, testemunhar a veracidade do Evangelho. Tais testemunhos lhes tornaram possível arrostar tôdas as oposições e tentações, e dizer que não se envergonhavam do Evangelho de Cristo (Vide Rom. 1:16). Também estou certo que seus testemunhos lhes ajudaram a suportar as adversidades e sofrimentos.

Um dêsses militares, que havia servido em missão na França, disse que batizou mais conversos durante parte do ano em que estêve servindo, do que durante todos os dois anos e meio que estivera na França como missionário de tempo integral.

Outro jovem, um médico, contou-nos sôbre uma excursão que êle e outros haviam feito num certo país, onde seu guia havia salientado as virtudes do govêrno, o progresso que haviam feito, etc. Quando pararam para almoçar, o guia ficou calado, então êste jovem médico dirigiu-se ao guia, dizendo:

"Temos aqui 45 turistas americanos. Pertencem a diferentes igrejas. Há católicos, presbiterianos, metodistas e outros. Embora não acreditemos da mesma maneira, damo-nos bem e amamos uns aos outros. Sou Mórmon. Acredito em Deus, o Pai Eterno e em seu Filho Jesus Cristo, e que êles aparecem ao homem, o instruem, ouvem suas orações e as respondem".

Êle contou ao grupo a história de Joseph Smith: como foi ao bosque para orar e como foi restaurado o Evangelho. Então, disse-nos: "E êles ouviram e eu gostaria de estar numa posição tal que quando essas pessoas forem colocadas diante do tribunal de Deus, jamais poderão dizer: 'Nunca ouvi sôbre a restauração do Evangelho', porque eu lhes disse, e disse-lhes clara e definidamente no que acreditamos".

Relatou como perguntou o nome de um jovem que veio ao seu consultório, certa ocasião. Quando lhe foi respondido que chamava-se Smith o médico perguntou: "Você é parente de Joseph Smith?" E quando o jovem perguntou perplexo: "Quem foi Joseph Smith?", o médico aproveitou sua oportunidade de ouro para contar-lhe a história de Joseph Smith e da restauração do Evangelho.

Sejamos valentes na fôrça de nossas convicções. Não deixemos de dar nosso testemunho onde e sempre que pudermos. Obtenhamos o conhecimento da verdade do Evangelho, da realidade de Deus e da divina missão de seu filho Jesus Cristo. Declaremos ao mundo que Joseph Smith foi um profeta de Deus e que Joseph Fielding Smith, como Presidente da Igreja, é atualmente o porta-voz do Senhor; que êle está dirigindo o trabalho da Igreja de Jesus Cristo, a principal pedra de esquina.

Se seguirmos avante sob sua direção, trabalhando juntos em amor e em união, o reino crescerá e, como predizem as Escrituras, o reino de Deus encherá tôda a terra. Ao ajudarmos a construir o reino, nos preparamos para ser parte dêle e gozar êste privilégio.

Pedrinho e o Primeiro Dia de Aula

Kathleen C. Phillips

Pedrinho sentou-se nos degraus da frente, muito triste. Era o primeiro dia de aula e todos os seus amigos haviam retornado à escola. Pedrinho fôra o único a ficar em casa.

"Você ainda é muito pequeno para ir à escola," disse-lhe Beto, seu irmão mais velho.

"Você poderá ir no ano que vem, mas agora ainda é muito pequeno," acrescentou João, seu outro irmão.

E então sairam para a escola deixando Pedrinho sòzinho consigo mesmo. Seria divertido ir à escola, pensava. Não havia nada para fazer, agora, na vizinhança. Êle era muito pequeno: muito pequeno para ir à escola ou para fazer qualquer coisa de importante.

Pedrinho levantou-se. "Vou dar uma chegadinha até a esquina," avisou êle à sua mãe.

"Pode ir," respondeu ela, "mas não atravesse a rua."

"Já sei," disse êle, sabendo que sua mãe quase tinha acrescentado "Você é muito pequeno."

Pedrinho caminhou vagarosamente calçada abaixo. A vizinhança parecia muito silenciosa, mas ao passar pela casa de Jorge, Pupi, o nôvo cachorrinho de Jorge, correu para a cêrca, pulando, latindo e abanando o rabo.

"Oi, Pupi!" disse Pedrinho.

A mãe de Jorge apareceu no canto da casa. "Olá, Pedrinho," disse ela, "você não gostaria de vir brincar um pouquinho com Pupi? Êle está solitário hoje, os meninos foram todos para a escola."

Assim, Pedrinho pôs-se a correr pelo quintal brincando com Pupi até que, por fim, o cãozinho, cansado, bocejou e enroscou-se num cantinho ensolarado para tirar uma pestana.

Quando a mãe de Jorge abriu o portão da frente para Pedrinho sair, disse-lhe: "Sabe de uma coisa, Pedrinho? Acho ótimo que ainda não tenha idade para ir à escola. Pupi estava precisando de alguém para brincar."

Quando Pedrinho passou pela casa de dona Ester, viu-a estendendo a roupa no varal. Sua filhinha, Sueli, estava sentada no carrinho, esperneando, esbracejando e fazendo uma barulheira danada. Pedrinho nem podia discernir se Sueli estava rindo ou chorando, por conseguinte, deu a volta pelo quintal para ir vê-la. Uma boneca de plástico estava caída na grama. Pedrinho apanhou-a e deu-a ao bebê, que parou de fazer barulho, olhou para êle e sorriu. Dona Ester também sorriu.

"Puxa, Pedrinho," disse ela, "você conseguiu fazer Sueli parar de chorar. Ela quer alguém para apanhar seus brinquedos quando os atira fora. Gosta desta brincadeira, mas eu tenho a roupa para estender."

Assim, êle ficou alí apanhando a boneca de Sueli, seu chocalho, suas contas de plástico, tão depressa quanto ela os atirava fora. Era uma brincadeira divertida e antes que desse conta de si, dona Ester havia terminado de estender a roupa.

"Muito obrigada, Pedrinho," disse-lhe ela. "Sueli sente falta das crianças, agora que as aulas recomeçaram. Que bom que você ainda não está na escola. Espero que volte a visitar Sueli."

Na esquina, perto da casa dos Silveiras, Pedrinho virou e começou a voltar.

"Pedrinho, Pedrinho," começou alguém a chamar. Êle atendeu.

Dona Alice Silveira estava à porta. "Sua mãe quer experimentar hoje esta nova receita de biscoitos. Quer levá-la a ela, por favor?"

Ao entregar-lhe o papel, dona Alice lhe disse: "Que bom que ainda há algum menino na vizinhança para levar algum recado e ajudar a gente. Que bom que você ainda não tem idade para ir à escola, Pedrinho."

Pedrinho voltou para casa pensando no que dissera dona Alice.

Mais tarde naquela manhã, sentado de nôvo nos degraus da frente, tornou a pensar sôbre o assunto. Era muito pequeno para fazer algumas coisas, tais como ir à escola, mas havia outras para as quais êle tinha o tamanho certinho, coisas muito importantes: ajudara Pupi a não se sentir solitário; ajudara a mãe de Sueli e entregara uma receita para dona Alice.

Ali sentado nos degraus, sentindo o aroma adocicado de biscoitos assando, Pedrinho ainda pensou mais uma coisa.

"Mamãe," exclamou, "a senhora não está contente por eu estar aqui e poder ajudá-la?"

"Claro, meu filho," assegurou-lhe ela. "Você gostaria de ajudar-me agora?"

"Sim senhora," disse êle levantando-se. "Acho que poderia ajudá-la a experimentar os biscoitos."

Daví, o Pequeno Pastor

Dorothy O. Barker

Davi apreciava sua vida tranqüila de pastor. Ao correr dos longos dias, podia meditar profundamente, compor agradável música ao tocar sua harpa e cantar para si mesmo, enquanto os cordeiros baliam e as ovelhas pastavam pacìficamente à sua volta.

Desde o dia em que o Profeta Samuel fôra a êle enviado e ungira com óleo sua cabeça, meditara sôbre Deus, o Criador dêste belo mundo. Deus parecia-lhe tão perto agora. O sol abrazador, os fortes ventos e as montanhas imóveis falavam-lhe do poderoso e imutável Deus que zela por seu povo como um pai amoroso.

Então, certo dia um servo retornou apressado às montanhas para levar Davi. Êste deveria levar sua harpa e ir imediatamente à presença do Rei Saul que, doente e infeliz, pensava que a música pudesse confortar seu espírito conturbado.

Davi estava emocionado por encontrar-se na presença do grande rei guerreiro — mas que semblante sombrio e melancólico tinha o rei! Davi apanhou sua harpa e começou a tocar; cantou o céu, as montanhas, os cedros e as ovelhas. Afinal, a suavidade da música confortou o triste coração do rei, que se levantou e retornou ao seu exército.

Os israelitas estavam acampados na encosta de uma colina e os filisteus na encosta fronteira.

Um riacho corria ao longo do vale, entre ambos os exércitos prontos para a batalha.

Diàriamente os filisteus enviavam seu duelista, Golias de Gate, o gigante, armado até os dentes com seu escudeiro adiante dêle, que se colocava na encosta da colina e bradava por sôbre o vale: "Escolhei dentre vós um homem que desça a mim. Se êle puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer, e o ferir, então sereis nossos servos, e nos servireis!"

Os exércitos de Israel tremeram ao ouvir estas palavras e não havia um só homem valente o bastante para lutar sòzinho com o gigante filisteu.

Certa manhã, Davi foi ao campo para ver seus irmãos. Ouviu a voz de Golias trovejando pelo vale e perguntou aos seus irmãos quem iria responder ao desafio. Admirou-se de saber que todos os israelitas estavam temerosos e disse que iria e lutaria contra o filisteu.

Então Davi foi levado diretamente à tenda do rei, mas quando o Rei Saul viu o jovem pastor, disse gentilmente: "Contra êste filisteu não poderás ir para pelejar com êle; pois tu ainda és moço e êle homem de guerra desde a sua mocidade".

Davi contou ao Rei Saul como foi que, enquanto guardava o rebanho de seu pai, um leão e um urso haviam levado uma ovelha do rebanho; e como os seguira, salvando a ovelha e matando o leão quando êste saltou sôbre êle. "O Senhor me livrou da mão do leão e da do urso; êle me livrará da mão dêste filisteu".

"Vai", disse o rei, "e o Senhor seja contigo".

Davi recusou o capacete, a espada e a armadura que o Rei Saul lhe ofertara, porque eram muito pesados para êle. Desarmado exceto por seu cajado, sua funda e cinco pedras lisas que escolhera no ribeiro, Davi foi valentemente ao encontro do gigante.

Golias enfureceu-se ao ver que Israel havia mandado apenas um menino pastor para enfrentá-lo. "Sou eu algum cão, para vires a mim com paus"? bradou.

"Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo", exclamou Davi, "porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos!... Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão e ferir-te-ei... e tôda a terra saberá que há Deus em Israel".

Davi então avançou destemidamente contra o gigante. Colocou uma das pequenas pedras em sua funda e arremessou-a com tal habilidade, que ela atingiu o filisteu e penetrou profundamente em sua testa. Golias caiu pesadamente ao chão.

Quando o exército filisteu viu que seu duelista estava morto, fugiu com gritos de terror, para o seu próprio país, abandonando suas tendas.

Davi tornou-se o herói do povo de Israel. Não lhe permitiram voltar ao seu rebanho. Recebeu uma alta posição no exército e todos o elogiavam, amavam e cantavam canções sôbre êle.

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sôbre: Dízimo

Bispo John H. Vandenberg

A **juventude de hoje** poderá exigir razões para fazer aquilo que lhes é pedido. Êste desejo de saber porque pode ser um grande fator para a edificação do caráter, se adequadamente usado, porque é importante fazer as coisas certas pelas razões certas.

Por exemplo, o Presidente David O. Mckay advertiu-nos: "O dízimo não deveria ser pago com um fim egoísta em mente. Aquêle que o faz apenas para ter o seu nome registrado, certamente receberá a sua recompensa; seu nome ficará registrado. 'Em verdade, já recebeu sua recompensa' como aquêle que orava para ser visto e ouvido pelos homens. Mas o que dá por gostar de ajudar aos outros e para promover a causa da justiça, que dá com alegria e com ação de graças no coração, também recebe sua recompensa; pois, ao dar, na realidade está ganhando. Ao perder sua vida por Cristo, a encontra".

De maneira geral, as pessoas hesitam em separar-se do que ganham. Isto pode ser compreendido ao considerar-se o fato de que um homem, especialmente, emprega a maior parte da vida em ganhar dinheiro para sustentar a si e à sua família. As môças e rapazes que começaram a ganhar, muitas vêzes surpreendem-se com a soma de tempo e esfôrço dispendidos. A pessoa que dispende grande esfôrço para ganhar a vida, realmente pode sentir que está dando parte de si mesma ao fazer uma contribuição.

De que forma poderíamos mostrar melhor nosso amor pelo Senhor e sua Igreja do que dando algo que é realmente parte de nós — algo que é fruto de nossos maiores esforços? É uma ótima coisa, uma excelente coisa a ser feita.

Os dez por cento de nossa renda que pagamos em forma de dízimo, auxilia a pagar os custos operacionais da Igreja. É o dízimo que constrói capelas e templos, nos quais adoramos e oficiamos as ordenanças sagradas. É o dízimo que traz de volta ao lar os missionários, ao fim de suas viagens a serviço. É o dízimo que sustenta os braços educacionais da Igreja — universidade, colégios, institutos de religião e seminários.

Além da bênção de saber que nosso dízimo sustenta tais serviços valiosos, recebemos o benefício espiritual que provém da observação de qualquer dos mandamentos. O Senhor não necessita tanto de nosso dinheiro, quanto necessitamos de suas bênçãos.

O pagamento do dízimo é uma ajuda inestimável para alcançar a humildade, uma virtude rara atualmente. Se pagamos o dízimo pelas razões certas — porque amamos o Senhor e desejamos ajudar a construir seu reino aqui na terra — damos um passo em direção à humildade. Altruísmo é outro traço de caráter que pouco se vê e para o qual o pagamento do dízimo com alegria e ação de graças é um ótimo treinamento.

Um coração generoso, quando em dúvida, sempre faz sua oferta ao Senhor. Em tempos passados, quando o dízimo era pago às vêzes em espécie, esta era uma questão que sempre se levantava, especialmente entre a juventude. Conta-se a história de um pai que instruiu seus filhos a carregar um décimo do melhor feno e levá-lo ao armazém do bispado em pagamento do dízimo.

Os rapazes, que haviam ajudado no plantio, corte e estocagem do feno, protestaram: "Por que temos que levar o melhor? Porque não podemos levar o feno tal como êle vem?"

A resposta do pai pôs fim a qualquer outro argumento: "Quando sua mãe e eu pedimos filhos em oração, pedimos ao Senhor que nos desse os melhores que possuía, e êle nos deu".

Há muitos lugares para se gastar o dinheiro e aprender qual é a melhor maneira de gastá-lo é uma lição valiosa para qualquer idade. Qualquer pessoa que já experimentou pagar o dízimo depois que tudo o mais já está pago, sabe que êste método nunca dará resultado. Alguém disse que ninguém jamais têve dinheiro suficiente para pagar o dízimo. A verdadeira questão é saber se a pessoa tem ou não tem fé suficiente para pagar o dízimo.

O dízimo, de certa forma, relaciona-se ao jejum como método para desenvolver o auto-contrôle. Uma pessoa que pode controlar seu apetite recusando-se a ingerir alimentos quando está faminto, pode usualmente melhor controlar seus desejos egoísticos, pagando alegremente seu dízimo. A experiência indica que uma das causas dos problemas que muitos jovens têm hoje é que a êles nunca foi negado nada. Um jovem que estava arruinando sua vida com drogas, queixou-se de que seus pais sempre lhe deram tudo o que pedira. Quão vital para a juventude é compreender que a fôrça vem de ser capaz de exercitar o auto-contrôle e que a felicidade deve ser conquistada através do esfôrço e sacrifício pessoais.

O pagamento do dízimo é uma forma de adoração. Quando chegamos a compreender a extensão do amor do Senhor por nós, individualmente, sentimos um forte desejo de adorá-lo mais profundamente. O dízimo é a resposta natural para êste desejo. Não nos é pedido, em nossa época, para darmos a nossa vida pelo Senhor, mas podemos dar-lhe o produto do trabalho de nossa vida, na forma de dízimo.

O falecido Presidente Stephen L. Richards, da Primeira Presidência, disse em seu livreto: "The Law of Tithing": "Todo homem que paga o seu dízimo deveria agradar-se disto. O Evangelho de Cristo é um Evangelho de alegria. 'O homem existe para que tenha alegria'. Quando alguém paga seu dízimo sem estar satisfeito, é roubado de uma parte da bênção. Precisa aprender a dar com disposição e alegria e sua oferta será abençoada. A fim de receber maior satisfação, necessita pagar mais freqüentemente... Mediante pagamentos durante todo o ano, podemos desenvolver e aumentar não só a alegria de dar, mas também a prática de dar... Posso sinceramente recomendar-lhes o pagamento do dízimo assim que receberem seus ordenados, não sòmente porque será mais fácil, mas porque lhes advirão grandes bênçãos.

"Consagramos nossa vida ao progresso da causa de Deus. 'Aquêle que se dá com sua oferta, alimenta três vêzes: a si mesmo, ao seu próximo faminto e a mim'. Dessa forma, a lei do dízimo é um epítome do Evangelho. É genuína adoração e verdadeiro reconhecimento da soberania de Deus. É fortalecimento e avivamento da causa e gera a abundante vida de amor e serviço pela qual Cristo veio. É a medida da verdadeira religião. Pela extensão da sua observância, cada homem pode determinar por si mesmo a vitalidade da sua própria fé e do amor de Deus. Um profeta disse: "O dízimo será santo ao Senhor". Será santo para você, se o der com amor, alegria e disposição".

O Espírito

Tempos atrás, minha espôsa e eu estivemos em Nova Hampshire para falar às líderes da Federação dos Clubes Femininos daquêle Estado, finalizando sua convenção de vários dias, cujo tema era "Luz sôbre a Juventude — Religião". Uma senhora conversa à Igreja, a irmã Buswell, foi convidada a cantar um solo, como número de encerramento do programa. Números difíceis tornam-se fáceis para o calibre de sua voz de contralto bem treinada. Ela foi apresentada como membro da Igreja. Colocou-se diante delas e disse: "As crianças de nossa Igreja gostam de cantar. Gostariam de ouvir uma miscelânea de canções que são as favoritas das crianças e adultos? Então, cantou reverentemente todos os versos de um hino favorito das crianças.

Ao ressoar sua bela voz pelo salão, um fervor de espiritualidade e emoção inundou a sala. Foi uma experiência espiritual.

Poderia ter escolhido outros números — talvez um particularmente apropriado para demonstrar, para a admiração dos presentes, a qualidade e capacidade da sua voz. Muito freqüentemente os líderes de música sentem a necessidade, e a responsabilidade de "elevar" e introduzir "cultura" em nossos serviços de adoração, executando músicas que são mesmo seculares e sectárias, escolhendo-as sòmente porque demonstram sua habilidade, e não por estarem de acôrdo com o espírito do Evangelho. Tais músicas têm um lugar importante — mas não em nossos serviços de adoração.

Alguém poderá dizer que não conheço muito sôbre música. Isto confesso prontamente. Sei, entretanto, quando o Espírito do Senhor está presente. Êle nem sempre aquiesce à música meramente bem executada ou elevada, o tanto quanto não cede à oratòria do mundo, não importa quão bem arranjada.

A simplicidade e reverência com que a irmã Buswell cantou aquêle hino simples para crianças, provocou o acontecimento de algo espiritual. Continuou com outros hinos para crianças. Então, antes de concluir com uma única estrofe de "Ó Meu Pai", cantou marcialmente as palavras de um favorito hino mórmon, o qual faz uma interessante pergunta: — "Deve Sião Fugir à Luta?" O hino clama vigorosamente: "Não!"

Coletivamente, com certeza, a juventude não vacilará, a juventude não pode vacilar; mas individualmente tenho visto alguns fazê-lo — vacilar e apostatar.

Às vêzes, passa despercebido que a visão de Lehi coloca a maior prova com os que em sua jornada seguem a barra de ferro. Ouçam cuidadosamente as palavras de Nefi:

"Descobri, então, uma barra de ferro que se estendia pela barranca do rio e vinha ter à árvore onde eu estava.

Fala Eloqüentemente

Boyd K. Packer
do Conselho dos Doze

"E vi uma multidão de pessoas, muitas das quais se comprimiam, procurando passar pelo caminho que conduzia à árvore onde eu me achava.

"E aconteceu que vi outros procurando ir adiante, e chegando, conseguiram segurar a extremidade da barra de ferro, atravessando a escura névoa apoiados à barra, chegando à árvore e comendo do fruto.

"E depois de haverem comido do fruto, olharam ao redor como se estivessem envergonhados.

"E eu também, olhando ao redor de mim vi na outra margem do rio um grande edifício, que parecia estar no ar e pairar sôbre a terra.

"E estava cheio de gente de ambos os sexos, jovens e velhos, cujas vestimentas eram muito ricas; e sua atitude era de mofa, e apontavam com seus dedos para aquêles que haviam chegado e comiam do fruto.

"E os que haviam experimentado do fruto ficaram envergonhados por causa dos que mofavam dêles, e tomaram por caminhos proibidos e se perderam." (1 Ne. 8:19, 21, 24-28).

Note-se que a prova veio depois que seguiram a barra de ferro, depois que partilharam do fruto. (A interpretação dêstes símbolos é dada em 1 Ne. 11).

Qual é a prova? Por que vacilaram? Tinha algo a ver com o envergonhar-se, em face do escárnio, da zombaria.

Como pode alguém ser inabalável?

Primeiro, estar suficientemente alerta para saber que o desafio é individual. Embora a juventude de Sião não vacile, você poderá vacilar.

Muitos de vocês, erradamente imaginam que se um exército, como o que o Pres. Buchanan, dos E.U.A., mandou contra os mórmons em 1858, sob o comando do Gen. Johnston, ameaçasse a existência da Igreja, iriam a Echo Canyon, o desfiladeiro a noroeste de Salt Lake City, que foi usado pelas tropas defensoras como Quartel General, para alistar-se como defensores da fé. Falham em compreender que o desafio não vem como um exército contra a Igreja, mas como um adversário contra seu testemunho individual.

Próximo ao final do meu curso de doutorado, participava de uma aula de filosofia com mais três pessoas. Dois de nós estávamos completando o curso; os outros dois estavam iniciando o seu.

Levantou-se uma discussão entre mim e o outro candidato a doutoramento. O debate tornou-se mais intenso e os outros dois estudantes puseram-se um de cada lado.

Assim estávamos, dois contendores, cada qual com um "assistente". A discussão tornou-se mais importante e cada dia eu deixava a classe mais abatido. Por que isto me preocupava? Porque eu estava **certo** e êle estava errado, eu sabia disso e eu julgava que êle sabia disso. Entretanto, era capaz de superar-me em tôda discussão. A cada dia sentia-me mais incapaz, mais tôlo e mais tentado a capitular.

Então, ocorreu uma das mais importantes experiências de tôda minha educação. Certa ocasião, ao sair da aula, seu "assistente" comentou: "Você está perdendo, não é?"

Não havia nenhum resquício de orgulho que me impedisse de consentir no óbvio: "Sim, estou".

"Sabe o que se passa com você?" perguntou êle.

Tornei-me interessado e respondi: "Gostaria muito de saber".

"O seu problema", disse êle, "é que você está lutando fora do contexto".

Perguntei-lhe o que queria dizer. Eu não sabia e êle não podia explicar. Disse apenas: "Você está lutando fora do contexto".

Naquela noite, pensei contìnuamente sôbre isso. Não era a posição ou a confiança — era mais do que isso. Estava sendo abatido e humilhado nos meus esforços para defender um princípio verdadeiro. Sua declaração: "Você está lutando fora do contexto", ficou em minha mente. Finalmente, em minha humilhação, orei ao Senhor. Então eu soube.

O desafio não vem a um jovem como um exército ameaçando a Igreja, mas como um adversário contra seu testemunho pessoal.

No dia seguinte voltamos à aula, desta vez para ficar dentro do contexto. Quando o debate foi recomeçado, em vez de resmungar afetadas e sofisticadas demonstrações filosóficas, planejadas para mostrar que eu estava familiarizado com a terminologia filosófica e havia lido um ou dois livros; em vez de dizer: "A aquisição a priori de inteligência como que de alguma fonte de esclarecimento externa ao entendimento", permaneci no contexto e disse: "Revelação de Deus".

Repentinamente, a situação se inverteu. Fui salvo da derrota e aprendi uma lição que tão logo não esquecerei. Muito devo ao modesto estudante de cuja observação muito aprendi.

Estudantes, aprendam, procurem e cresçam. Sigam avante em graus mais adiantados. Destaquem-se no campo que escolherem. Não precisam ser insensatos ou imaturos, impondo suas convicções religiosas aos outros. Porém, ao discutir sôbre a Igreja ou o Evangelho, não se deixem levar para fora do contexto.

Certamente não poderão persuadir tôdas as pessoas a aceitarem seus pontos de vista. Sejam suficientemente sábios para saber quando não tentar. Poderão entretanto, informá-los claramente, de forma que, aceitando ou não, saberão quais são êsses pontos de vista. Ensinem fé, arrependimento e batismo.

No ensino superior há certos cursos para os quais são exigidos cursos básicos. Por exemplo, não é permitido matricular-se num curso avançado de química, sem ter feito antes o curso básico. Para inscrever-se num curso de pós-graduação, você precisa ter antes completado os cursos de graduação.

Fazer um curso avançado, sem os pré-requisitos ou treinamento equivalente, implicará provàvelmente em fracasso. A falta de conhecimento dos princípios básicos de uma disciplina implicará em malentendidos e mesmo em rejeição de elementos que são positivamente verdadeiros, quando relacionados aos princípios fundamentais da disciplina.

Há no Evangelho alguns cursos de graduação, sem os quais o profundo significado de certos princípios do Evangelho podem não ser entendidos, de fato, podem ser completamente mal entendidos.

Por exemplo, as limitações sob as quais o Sacerdócio é transmitido, difìcilmente poderiam ser aceitas ou entendidas por alguém que não completou os cursos básicos de fé, arrependimento, batismo e dom do Espírito Santo.

Nunca se envergonhem do Evangelho porque as pessoas não concordam com vocês, mesmo que sejam pessoas aparentemente alertas, inteligentes e bem intencionadas. Não vacilem por não poderem se explicar na terminologia delas, em **seu** contexto.

Reconheçam que é preciso haver oposição e que não é possível ser totalmente fiel e benquisto por tôdas as pessoas. Não é possível ser e ser ao mesmo tempo completamente aceito por todos!

O desafio não é nôvo. O próprio Moroni começou a afligir-se com sua fraqueza e dificuldade em tentar ensinar a verdade:

"E eu lhe disse: Senhor... temo que os gentios façam delas (palavras) zombaria.

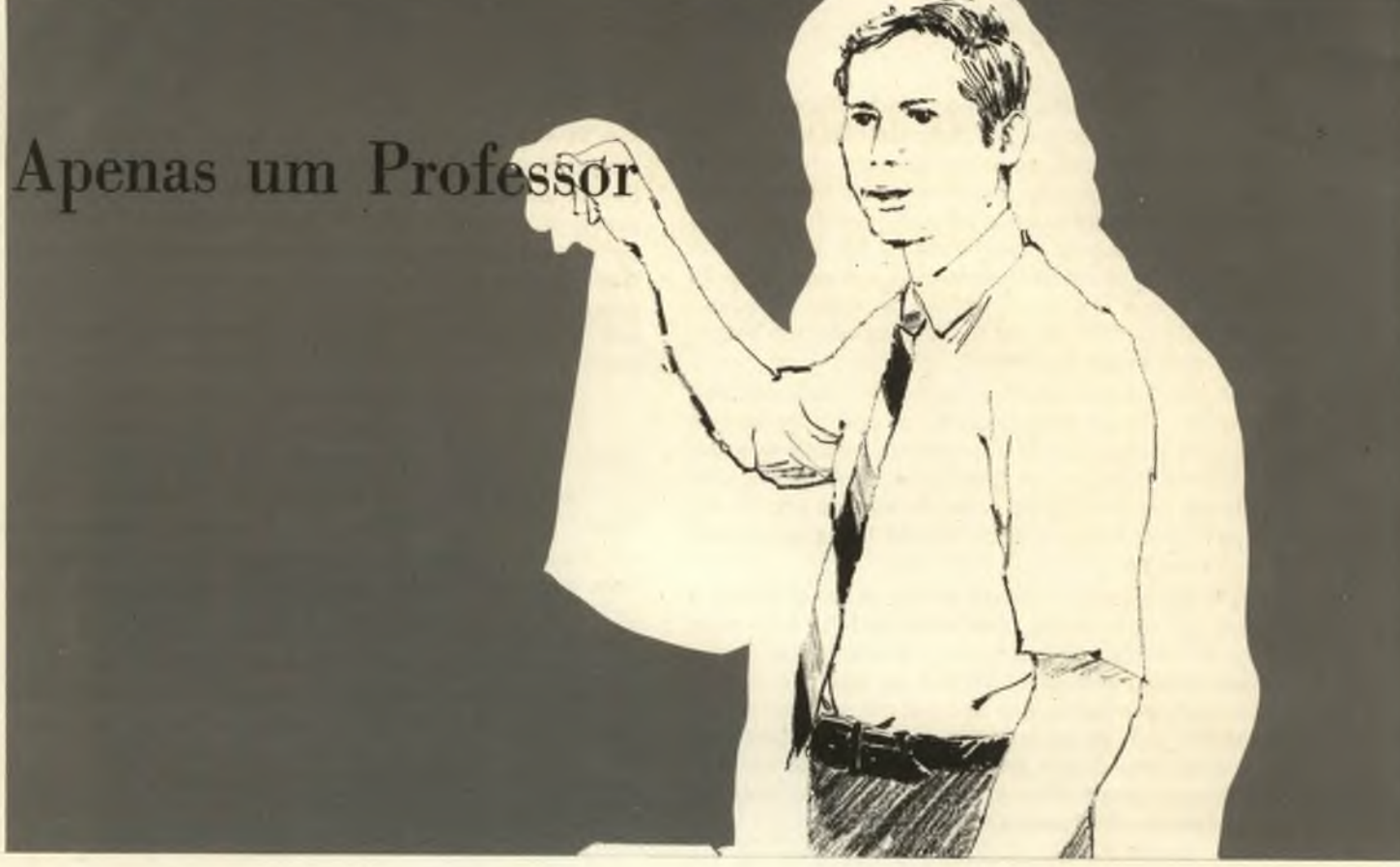
"E após eu haver dito isso, falou-me o Senhor, dizendo: os insensatos zombam, mas lamentarão; mas não se aproveitarão da vossa debilidade porque minha graça é suficiente para os mansos.

"E se os homens vierem a mim, eu lhes mostrarei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens a fim de que sejam humildes: e minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre êles.

"E eis que mostrarei aos gentios a sua debilidade e lhes mostrarei também que a fé, a esperança e a caridade trazem-nos a mim, que sou a fonte de tôda justiça" (Éter 12:23, 25-28).

Necessitamos de mais pessoas como a irmã Buswell nesta Igreja — que têm inspiração no momento apropriado, para colocar-se no contexto do Evangelho; não porque não possam fazer face ao mundo nos seus próprios têrmos, mas porque "não se envergonham do Evangelho de Jesus Cristo: que é o poder de Deus para a salvação" (Rom. 1:16).

Apenas um Professor



Thomas S. Monson

do Conselho dos Doze

Discurso proferido na 140.ª Conferência Geral Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Ouvimos freqüentemente a expressão: "Os tempos mudaram". Talvez tenham mesmo mudado. Nossa geração tem testemunhado grandes avanços no campo da medicina, transporte, comunicação e pesquisa, para mencionar apenas alguns. Entretanto, existem as ilhas de constância isoladas no vasto oceano da mutabilidade. Por exemplo, os meninos ainda são meninos e continuam a fazer fanfarronadas de meninice.

Tempos atrás, ouvi por acaso uma conversa que acredito ser muito comum. Três meninotes estavam discutindo as virtudes de seus pais. Um disse: "Meu pai é maior que o seu", ao que o outro replicou: "Bem, meu pai é mais esperto que o seu". O terceiro menino opôs-se: "Meu pai é médico"; então, voltando-se para um dos meninos, escarneceu: "e o seu pai é apenas um professor".

O chamado de uma das mães pôs fim à conversa, mas as palavras continuaram a ressoar em meus ouvidos. Apenas um professor. Apenas um professor. Apenas um professor. Algum dia, cada um dêsses meninos apreciará o verdadeiro valor de professôres inspirados e reconhecerá com sincera gratidão a marca indelével que tais professôres deixarão em sua vida.

"Um professor", observou o historiador Henry Brook Adams (1838-1918), "exerce influência para a eternidade; jamais sabe onde termina sua influência". Esta verdade diz respeito a cada um de nossos professôres: primeiro, o professor no lar; segundo, o professor na escola; terceiro, o professor na Igreja.

Talvez, a professôra que você e eu recordamos melhor seja aquela que mais nos influenciou. Ela pode não ter usado o quadro-negro, nem ter tido formação superior, mas suas lições tornaram-se eternas e seu interêsse, genuíno. Sim, falo da mãe e também do pai. Na realidade, todos os pais são professôres.

O aluno em tal classe de um professor divinamente comissionado — de fato, o bebê que vem à sua casa ou à minha — é um suave botão da humanidade, saído recentemente da casa de Deus para florescer na terra.

Os primeiros tempos de ensino são fugidios. As oportunidades são perecíveis. Os pais que procastinam o objetivo de sua responsabilidade como professôres, poderão, no futuro, adquirir uma compreensão amarga, freqüentemente expressa pela frase: "Poderia ter sido".

Se um pai precisar de maior inspiração para iniciar sua tarefa de professor designado por Deus, lembre-o de que a mais fantástica combinação de emoções no

mundo, não é provocada por um grande acontecimento cósmico, nem se encontra em romances ou em novelas — mas, meramente por um pai a fitar uma criança adormecida. "Criado à imagem de Deus", esta gloriosa passagem bíblica adquire nôvo e vibrante significado quando um pai repete esta experiência. O lar torna-se um abrigo chamado céu e pais amorosos ensinam seus filhos a "orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:28). Jamais um pai inspirado pode ser descrito como "apenas um professor".

A seguir, consideremos o professor na escola. Inevitàvelmente, vem a triste manhã em que o lar cede à sala de aula o seu tempo de ensinar. Joãozinho e Maria juntam-se à alegre multidão que diàriamente dirige-se do portão de casa às salas de aula da escola. Lá, um nôvo mundo é descoberto. Nossos filhos encontram seus professôres.

A professôra não sòmente molda as expectativas e ambições de seus alunos, mas influencia também suas atitudes em direção ao seu futuro e a si próprios. Se ela fôr inexperiente, deixará cicatrizes na vida dos jovens, marcará profundamente sua auto-estima e distorcerá a imagem que têm de si próprios como sêres humanos. Mas se amar seus alunos e os tiver em **elevada** expectativa, a auto-confiança dêles crescerá, sua capacidade desenvolver-se-á e seu futuro estará assegurado.

Infelizmente, há alguns poucos professôres que encontram prazer em destruir a fé, em lugar de construir pontes para o bem viver. Devemos lembrar sempre que o poder para liderar é também o poder para desencaminhar e o poder para corromper é o poder de destruir.

Nas palavras do Presidente J. Reuben Clark Jr.: "Aquêle que levanta dúvidas ou destrói a fé, fere, aleija e mutila a alma. Deus o considerará estritamente responsável por isso. Quem poderá medir a profundidade em que cairá aquêle que intencionalmente destrói a oportunidade da glória celestial de outrém?" (Imortalidade e Vida Eterna, Vol. 2, p. 128).

Se não pudermos controlar a classe, poderemos, pelo menos, preparar os alunos. Se alguém perguntar como, responderei: Providencie um guia para a glória do reino celestial de Deus; um barômetro para distinguir entre as verdades de Deus e as teorias dos homens".

Muitos anos atrás, tive em minhas mãos tal guia. Era um volume das Escrituras que comumente chamamos Combinação Tripla das Escrituras, contendo o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. O livro era um presente de um pai amoroso à sua bela filha em florescência, que seguiu cuidadosamente seu conselho. Na contracapa seu pai escrevera estas palavras inspiradas:

"9 de abril de 1944
"À minha querida Maurine:
"Para que você possa ter sempre um padrão constante pelo qual julgar entre a verdade e os êrros das filosofias dos homens e assim cresça em espiritualidade ao crescer em conhecimento, dou-lhe êste Livro Sagrado para ler freqüentemente e apreciá-lo por tôda sua vida.

"Com amor, seu pai
Harold B. Lee"

Pergunto: "Apenas um professor?"

Finalmente, falemos do professor que usualmente encontramos aos domingos — o professor da Igreja. Em tal ambiente, a história do passado, a esperança do presente e a promessa do futuro reunem-se. Aqui, especialmente, o professor aprende que é fácil proceder como fariseu e difícil proceder como discípulo. O professor é julgado pelos seus alunos — não sòmente pelo quê e como ensina, mas também pelo seu modo de viver.

O apóstolo Paulo aconselhou aos romanos:

"Tu, pois, que ensinas a outra não te ensinas a ti mesmo? Tu que pregas que não se deve furtar, furtas?

"Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras?" (Rom. 2:21-22).

Paulo, inspirado e dinâmico professor, deu-nos um bom exemplo. Talvez, o segrêdo de seu sucesso seja revelado por sua experiência no tedioso calabouço em que foi prisioneiro. Paulo conhecia o ruído dos passos pesados dos soldados e o retinir das correntes que o mantinham cativo. Quando o sentinela da prisão, que parecia favorável a Paulo, perguntou-lhe se precisava de algum conselho sôbre como portar-se diante do imperador, Paulo disse que tinha um conselheiro — o Espírito Santo.

Êste mesmo Espírito que guiou Paulo quando em Atenas leu a inscrição "Ao Deus Desconhecido", e declarou:

"...Êsse pois que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio.

"O Deus que fêz o mundo e tudo o que nêle há... não habita em templos feitos por mãos de homens...

"...êle mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração e tôdas as coisas;

"Porque nêle vivemos, e nos movemos e existimos... Pois somos também sua geração" (Atos 17: 23-24, 25, 28).

Novamente pergunto: "Apenas um professor?"

No lar, na escola ou na casa de Deus, há um professor cuja vida obscurece tôdas as outras. Ensinou sôbre a vida e a morte, sôbre o dever e o destino. Não viveu para ser servido, mas para servir; não para receber, mas para dar; não para poupar sua vida, mas para sacrificá-la em favor de outros. Descreveu um amor mais belo do que o desejo e uma pobreza mais rica do que um tesouro. Foi dito dêste professor que ensinou com autoridade e não como os escribas. No mundo atual, quando muitos homens estão ávidos de ouro e de glória e dominados pela filosofia de ensino do "publique ou pereça", lembramo-nos que êste professor nunca escreveu — uma vez sòmente, escreveu na areia, o vento destruiu para sempre seu manuscrito. Suas leis não foram inscritas em pedra, mas no coração dos homens. Falo do supremo Mestre, Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador e Redentor de tôda a humanidade.

Quando professôres dedicados respondem ao seu gentil convite: "Aprendei de mim", aprendem e também partilham de seu poder divino. Quando menino, estive sob a influência de uma professôra assim. Em nossa classe da Escola Dominical, ela ensinou-nos sôbre a

criação do mundo, a queda de Adão, o sacrifício expiatório de Jesus. Trouxe à sua sala de aula, como convidados de honra, Moisés, Josué, Pedro, Tomás, Paulo e Jesus, o Cristo. Embora não os víssemos, aprendemos a amá-los, honrá-los e imitá-los.

Nunca seu ensinamento foi tão dinâmico, nem seu impacto mais eterno do que numa manhã de domingo, quando tristemente nos anunciou o falecimento da mãe de um de nossos colegas de classe. Sentíramos a falta de Billy naquela manhã, mas não sabíamos a razão de sua ausência. O tema da lição era "mais bem-aventurado é dar que receber". Na metade da lição, nossa professôra fechou o manual e abriu nossos olhos, ouvidos e coração para a glória de Deus. Perguntou: "Quanto dinheiro temos nos fundos da nossa classe?"

Os dias da Depressão incentivaram uma orgulhosa resposta: "Quatro dólares e setenta e cinco centavos".

Então, mais gentilmente do nunca, sugeriu: "A família de Billy está muito deprimida, triste e abalada. Que vocês acham da possibilidade de visitá-los agora e oferecer-lhes nosso fundo?

Lembrarei para sempre o grupo de pequenos caminhando por aquêles três quarteirões da cidade, entrando na casa de Billy, saudando a êle, a seus irmãos, irmãs e pai. A ausência de sua mãe era evidente.

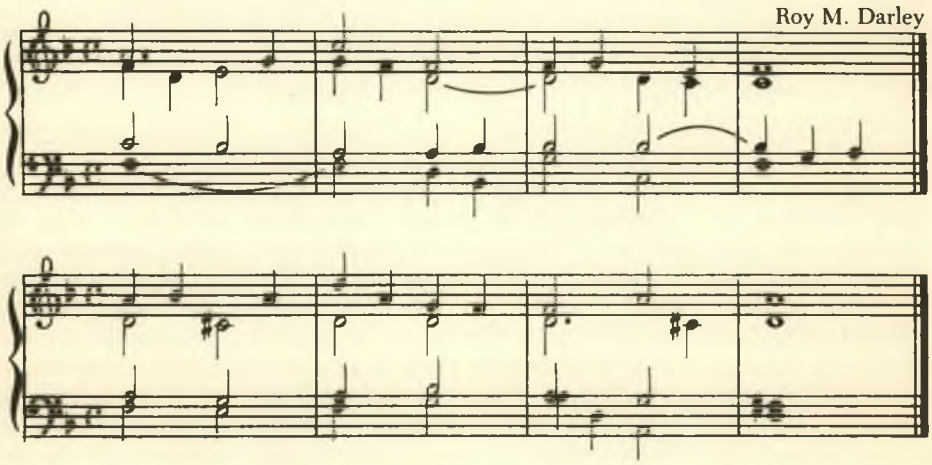
Estimarei para sempre as lágrimas que brilharam nos olhos de todos quando o envelope branco, contendo nosso precioso fundo da classe passou da delicada mão de nossa professôra para a mão necessitada do pai profundamente desgostoso. Voltamos diretos à capela. Nosso coração estava mais leve do que nunca; nossa alegria mais completa; nosso entendimento mais profundo. Uma professôra inspirada por Deus ensinara a seus alunos e alunas uma lição eterna de verdade divina. "Mais bem-aventurado é dar que receber".

Bem poderíamos reiterar as palavras dos discípulos a caminho de Emaús: "Porventura não ardia em nós o nosso coração, quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?" (Lucas 24:32).

Retorno ao diálogo mencionado no início. Quando o menino ouviu os insultos: "Meu pai é maior do que o seu", "Meu pai é mais esperto do que o seu", "Meu pai é um médico", bem poderia ter respondido: "Seu pai pode ser maior do que o meu; seu pai pode ser mais esperto do que o meu; seu pai pode ser um pilôto, um engenheiro ou um médico; mas, **meu pai é um professor".**

Possa cada um de nós sempre merecer tal sincero e digno elogio, oro humildemente, em nome do Mestre, Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo. Amém.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

Escola-Dominical Júnior

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".
(João 8:32)

Escola Dominical Sênior

"...a caridade é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus".
(1 João 4:7)

Sara M. Tanner
Dedicação ao Lar, à Família e à Igreja

Eleanor Knowles
Editora Associada

"**Colocou-se à altura** das exigências dêle, renunciou às diversões da sua vida para desempenhar o honrado papel de mulher e espôsa..." (John L. Clarke, Presidente do Ricks College.)

Ao abordar sua primeira aula, a jovem professôra, na pequena escola em Hill Spring, Alberta, Canadá, não fazia idéia de que dentro de poucos mêses todo o curso da sua vida iria mudar e que durante sua vida, ao lado de seu marido, viajaria o mundo inteiro, encontrando cabeças coroadas, importantes oficiais do govêrno e pessoas de tôdas as raças e credos.

Sara Isabelle Merrill passara todos, exceto os primeiros meses, de sua vida no Canadá (nascera em Lehi, Utah), onde seu pai fôra chamado para ajudar a construir casas para famílias SUD, empenhadas num projeto de irrigação do govêrno canadense. Freqüentou escolas em Magrath, Hill Spring, vindo a diplomar-se pela Escola Normal de Treinamento de Professôres em Calgary.

Na escola de Hill Spring, Sara encontrou o alto e simpático Nathan Eldon Tanner, o nôvo diretor e professor do curso secundário. Enamoraram-se e num dia frio e nevoso de dezembro de 1919, casaram-se. (Seu casamento foi solenizado mais tarde no Templo de Alberta, após a dedicação dêste em agôsto de 1923.)

Com o casamento, Sara abandonou a idéia de uma carreira de tempo integral fora do lar, dirigindo suas energias para os cuidados do lar e em apoiar seu marido em suas atividades na Igreja, na vida cívica, no govêrno e nos encargos profissionais. Durante os poucos anos que se seguiram, lutando para estabelecer um lar e completar a educação do marido, foram abençoados com cinco filhas adoráveis: Ruth, Isabelle, Zola, Beth e Helen. (Estão tôdas casadas agora e os Tanners têm 26 netos e um bisneto.)

Recentemente, o Ricks College, em Rexburg, Idaho, distinguiu a Irmã Tanner como a mulher do ano. A citação que acompanhava o certificado incluía as palavras do Pres. John L. Clarke, citadas no início dêste artigo e o seguinte tributo, que bem descreve a devoção de Sara Tanner a seu lar e à sua família:

"Cedo na vida, você começou a desenvolver os atributos da mulher

ideal. Nas alegrias das atividades culturais: as artes, a literatura, a história, a música e o teatro, você enriqueceu sua vida. Você retratou a essência da verdadeira maternidade em seus interêsses e valôres domésticos, e na grande dedicação ao seu lar e filhos." Salientou também que ela "exemplificou o amor de Deus em seu trabalho como professôra em escolas públicas, em muitas das organizações da Igreja e como líder em várias organizações auxiliares."

Quando o Presidente Tanner destacou-se no govêrno de Alberta, como legislador e mais tarde como oficial de gabinete, sua amada "Sally" estava ao seu lado, apoiando-o e dirigindo suavemente seu lar. Suas responsabilidades levaram-no à Europa, às Índias Ocidentais, ao México, às províncias do Canadá e a outras partes do mundo. Sempre que possível, ela o acompanhou. Uma emocionante experiência naqueles dias foi um convite para jantar com o Rei Jorge VI e a Rainha Elisabete da Inglaterra. Jantaram também com a Rainha Elisabete II, o Príncipe Philip e outros nobres.

Onde quer que tenham vivido, a Irmã Tanner foi sempre ativa na Igreja. Sua anterior experiência e treinamento como professôra foram bem empregados ao ensinar na Primária, na Escola Dominical, na AMM e na Sociedade de Socorro. Também ampliou suas habilidades de executiva, como Presidente da AMM e da Sociedade de Socorro e como conselheira nas organizações auxiliares da estaca. Quando o Presidente Tanner foi Presidente da Missão Européia Ocidental, a Irmã Tanner foi designada como representante especial da Junta Geral da AMM na Europa, para supervisionar o trabalho da AMM lá — a primeira pessoa na história da AMMM a ocupar tal posição. Em 1964, ela e o Presidente Tanner foram distingüidos pela AMM com os certificados de mérito de Cavalheiro e Ceifeira.

Quando o Presidente Tanner foi chamado para o serviço da Igreja em tempo integral, como Assistente do Conselho dos Doze em 1960, isto significou deixar seu amado lar no Canadá, bem como sua família (tôdas as suas filhas residem no Canadá). No entanto, sem olhar para trás e sem lastimar, aceitaram o chama-

do da Primeira Presidência e mudaram-se para Salt Lake City, onde estabeleceram nôvo lar: um espaçoso apartamento com uma vista espetacular do Vale do Lago Salgado e das montanhas que o cercam.

O Presidente e a Irmã Tanner comemoraram seu 50.º aniversário de casamento em dezembro de 1969 com uma emocionante viagem de duas semanas ao Havaí, juntamente com trinta e oito pessoas da sua família.

"Há cêrca de dois anos, meu marido perguntou-me como eu gostaria de comemorar nossas Bodas de Ouro," lembrou ela. "Uma vez que não tivemos uma festa de casamento, êle imaginou que talvez devêssemos ter uma agora. 'Sabe o que realmente gostaria de fazer?' perguntei-lhe. 'Gostaria de ir ao Havaí com nossa família.' Êle imediatamente começou a fazer planos e em 17 de dezembro, todos nós nos encontramos em Seattle e voamos para Honolulu."

Como o Church College of Hawaii estava fechado para as férias de Natal, a família Tanner acomodou-se nos dormitórios dêste estabelecimento, em seu restaurante tomaram suas refeições e aproveitaram muitas das facilidades recreacionais de lá. Na data do seu aniversário, em 20 de dezembro, assistiram o show no Centro Cultural Polinésio.

"Esta foi uma viagem cuja realização verdadeiramente superou a expectativa," disse ela.

Na condecoração do Ricks College, as palavras: "elevadas qualidades femininas" e "inspiração para o marido" destacaram-se. A Irmã Tanner disse que uma das maiores influências em sua vida é sua crença no poder da oração. "Obtive um testemunho da oração muito cedo em minha vida," diz ela. "Lembro-me vìvidamente de minha avó contando como fôra levada por sua mãe a um passeio pela floresta durante o qual foi ensinada sôbre o princípio da oração, sendo-lhe recomendado que orasse sempre."

Embora tenha muitos interêsses, Sara Tanner subordina tudo à sua devoção e amor pelo marido e por sua família. "Atualmente, meu único cargo na Igreja é ser espôsa do Segundo Conselheiro da Primeira Presidência," diz ela orgulhosamente, "e meu único desejo é ser para êle a melhor espôsa que puder."

Sara Merril Tanner assumiu verdadeiramente o papel de mulher e espôsa e o tornou honorável.

Salvação é Assunto de Família

Presidente Bruce R. McConkie
do Primeiro Conselho dos Setenta

Discurso proferido na 140.ª Conferência Geral Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Salvação é um assunto de família. Somos todos membros da família de Deus, o Pai Eterno. Somos seus filhos espirituais. Vivemos em família com êle antes de serem lançados os fundamentos desta terra.

Um dos nossos hinos devocionais diz:

"Há somente um Pai Celeste?
Não, pois temos mãe também.
Essa verdade tão sublime
Nós recebemos do além.
"Quando deixar a humana vida
Êste frágil corpo mortal,
Pai e mãe verei contente,
Na mansão celestial.
E, terminada a tarefa
Que me mandaste executar,
Dá-me santo assentimento
Para a teu lado sempre estar!
— **Hinos,** 98.

Enquanto habitávamos ainda em sua presença, nosso exaltado e eterno Pai determinou o Plano de Salvação que nos capacitaria a progredir e nos tornarmos como êle.

Êste plano do Evangelho ofereceu a todos os filhos de Deus o privilégio de uma provação mortal e esperança de vida eterna. Foi-nos prometido que, mediante o sacrifício expiatório de Cristo, seríamos elevados à imortalidade e que, se obedecêssemos as leis e ordenanças do Evangelho, teríamos a vida eterna.

Vida eterna é o têrmo que desígna o tipo de vida que Deus, nosso Pai Eterno, vive. Vida eterna é vida de Deus e a vida de Deus é a vida eterna. Assim, se ganharmos vida eterna será porque avançamos, progredimos e nos tornamos como êle.

Evidentemente, para nos tornarmos como nosso Pai Eterno, deve-

"A família é a mais importante organização no tempo e na eternidade."

mos nos tornar imortais como êle é imortal. Precisamos obter o caráter, perfeições e atributos que êle possui; devemos conseguir o poder, glória e domínio que êle goza e precisamos criar para nós mesmos famílias eternas segundo o modêlo de sua própria família eterna.

O Evangelho que êle restaurou nesta dispensação é um Evangelho de vida eterna. É o mesmo sistema de salvação pregado por todos os profetas e santos em tôdas as dispensações. Consiste em leis e poderes pelos quais podemos nos aperfeiçoar para virmos a ser perfeitos como é perfeito nosso Pai que está no céu e pelos quais podemos criar, aperfeiçoar e perpetuar nossa própria família eterna.

A grande obra de nosso Pai foi a criação. Trouxe-nos à existência; nascemos como membros da sua família. Pelo seu poder a terra e tôdas as coisas que estão sôbre ela passaram a existir. E Deus fêz sua obra com perfeição.

A grande obra de Cristo foi a redenção. Mediante seu sacrifício expiatório todos os homens foram elevados à imortalidade, enquanto aquêles que crêem e obedecem na íntegra a lei do Evangelho completo são elevados à vida eterna. E Cristo fêz sua obra com perfeição.

A grande obra de todo homem é crer no Evangelho, guardar os mandamentos, criar e aperfeiçoar uma família eterna. E os santos dos últimos dias estão procurando fazer sua obra tão perfeitamente quanto puderem.

Isto significa que tudo quanto temos na Igreja gira em tôrno do casamento celestial e que a salvação é um assunto de família.

Do momento do nascimento na vida mortal até a época em que nos casamos no templo, tudo o que temos no inteiro sistema do Evangelho destina-se a preparar-nos e qualificar-nos para entrarmos na sagrada ordem do matrimônio que nos torna marido e mulher nesta vida e no mundo vindouro.

A partir do momento em que somos selados um ao outro pelo poder e pela autoridade do santo sacerdócio — o poder pelo qual o que é ligado na terra é selado eternamente nos céus — tudo o que se relaciona com a religião revelada destina-se a nos ajudar a mantermos os têrmos e as condições do nosso convênio do casamento, para que êste convênio tenha eficácia, virtude e fôrça na vida vindoura.

Assim, o casamento celestial é a soberana ordenança do Evangelho; a capital ordenança da casa do Senhor. Assim, a unidade familiar é a mais importante organização no tempo ou na eternidade.

Por conseguinte, deveríamos ter mais interêsse e preocupação por nossa família do que por qualquer outra coisa na vida.

Tôda decisão importante deveria ser tomada levando-se em conta o efeito que teria sôbre a família. O namôro, o estudo, a escôlha de amigos, o emprêgo, os passatempos e o domicílio; nossa vida social, as organizações a que pertencemos, o serviço que prestamos à humanidade e, acima de tudo, a obediência ou desobediência aos padrões da verdade revelada — tôdas estas coisas deveriam ser decididas levando-se em conta o seu efeito sôbre a família.

Nada há neste mundo mais importante do que a criação e o aperfeiçoamento de famílias do tipo contemplado no Evangelho.

Assim, ao falar ao marido, o Senhor diz: "Amarás a tua espôsa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra." (D&C 42:22)

Quando a sua voz é ouvida pelas espôsas, impõe similar obrigação sôbre elas com referência ao marido.

A ambos ordena: "Não cometerás adultério nem farás coisa alguma semelhante." (Vide D&C 59:6)

Ao falar aos pais, ordena-lhes criarem seus filhos em luz e em verdade, a ensinar-lhes o Evangelho e dar-lhes exemplos de divina conduta.

Ao falar aos filhos, decreta: "Sêde obedientes a vossos pais no Senhor." (Efésios 6:1), e "Honra teu pai e tua mãe." (Êxodo 20:12).

Quando fala às famílias o seu conselho é: "Amem, sustentem e apoiem um ao outro;

"Obedeçam a plenitude do Evangelho; guardem os mandamentos;

"Esforcem-se por aperfeiçoar a vida de cada um dos membros da família; fortaleçam o fraco; salvem o bem amado que se extravia e regozijem-se na sua renovada fôrça espiritual;

"Procurem pelo parente que não recebeu o Evangelho e convidem-no a vir a Cristo e partilhar da sua bondade; e

"Busquem seus parentes mortos no mundo dos espíritos e tornem-lhes acessíveis as bênçãos do Evangelho mediante as ordenanças do templo."

Está escrito que nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Na aperfeiçoada família da Igreja também pode ser dito que nem os pais são sem os filhos, nem os filhos sem os pais, no tipo de família do Senhor.

O verdadeiro Evangelho gira em tôrno da família. A plenitude da salvação consiste na continuação da unidade familiar na glória celestial. Aquêles para quem a unidade familiar continua têm vida eterna. Aquêles para quem não continua não têm vida eterna, pois, o próprio céu é a projeção da família SUD na eternidade.

Êste poder pelo qual a salvação vem é tão grande que pode fazer da terra um céu e do homem um deus.

O mais nobre conceito que pode adentrar o coração do homem é o conceito de que a unidade familiar continuará na eternidade e que a salvação é um assunto de família.

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Com a realização de cinco importantes conferências sob a presidência do Élder Gordon B. Hinckley do Conselho dos Doze e do Élder David B. Haight, Assistente dos Doze, em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, em uma única semana, o início de setembro passado constituiu-se no período mais movimentado até agora vivido pelos membros da Igreja no País.

Sòmente no dia 6 realizaram-se três conferências. Pela manhã reuniu-se na capela de Pinheiros a 7.ª Conferência da Estaca São Paulo Leste, dirigida pelo Presidente Hélio da Rocha Camargo, com a presença de cêrca de 1.200 pessoas. Confraternizando-se com todos os brasileiros pela comemoração da Semana da Pátria, desde o dia 4, quando a AMM da ESPL realizou um programa teatral sôbre a história do Brasil intitulado "Independência ou Morte", espetáculo rico e bem montado, a ESPL vinha abordando temas cívicos e patrióticos; por conseguinte, o tema da conferência foi a aliança entre os valores cívicos e religiosos. Durante a reunião, o Apóstolo Gordon B. Hinckley, que a presidia assistido pelo Élder David B. Haight, procedeu a histórica divisão da ESPL para dar origem à terceira estaca paulista.

Dirigindo-se à congregação, Élder Hinckley propôs que fôssem incorporadas à ESPL as Alas IX-V. Maria e X-Penha, até então administradas pela ESP e pediu aos santos o apôio para a criação da **Estaca São Paulo Sul**, integrada pelas alas de Santo André, Santos e São Vicente e pelos ramos de Gonzaga, Mauá, Santo André II, São Bernardo e São Caetano.

Cinco Conferências Mov

Criada a Estac

Élder Gordon B. Hinckley (de pé, canto esquerdo), ladeado pelo Pres. Hélio da R. Camargo, propõe modificações à votação.

Congregação da ESPL ergue o braço em sinal de apoio à criação da ESPS.

mentam a Igreja no Brasil

São Paulo Sul

A AMM da ESPL reviveu quadros da nossa história em comemoração à Semana da Pátria.

Da esquerda para a direita: Ferrer da Costa, Primeiro Conselheiro; Presidente Saul M. de Oliveira e Floriano V. Franco, Segundo Conselheiro; formam a Presidência da Estaca São Paulo Sul.

A seguir o Apóstolo apresentou à congregação os nomes dos que iriam integrar a presidência e o sumo-conselho da nova estaca. Foram unânimemente apoiados pelos santos o Presidente Saul Messias de Oliveira, da ESPS; Ferrer da Costa, Primeiro Conselheiro; Floriano V. Franco, Segundo Conselheiro; Hercílio T. Cavalcanti, Secretário; Antônio Rinke, Secretário Adjunto e Antônio D. Martins, Secretário Executivo. Foram apoiados como membros do Sumo-Conselho da ESPS: Victor A. V. Vespoli, Adriano Silva, Domingos Sasso, Orlando Atanes, José G. Lopes, Orlando Pagano, Jr., Walfrido A. Silveira e Camilo Antunes. Para presidente da missão da estaca foi apoiado o Irmão Aleksejus Darcanovas.

Êsses chamados implicaram na alteração de presidências, bispados e Sumo-Conselho da ESPL: para continuar o trabalho do Pres. Saul M. de Oliveira, bispo da Ala de Santo André, foi chamado o Bispo João H. Finn; foram apoiados novos membros para o Sumo-Conselho

Da esquerda para a direita: Victor A. C. V. Vespoli; Adriano Silva; Domingos Sasso; Orlando Atanes, membros do Sumo Conselho da ESPS.

Da esquerda praa a direita: Hercílio T. Cavalcanti, Secretário; Antônio D. Martins, Secretário Executivo; Manuel A. Palomino, Primeiro Conselheiro; Presidente Aleksejus Darcanovas, da Missão da ESPS; Carlos A. C. Gandra, Segundo Conselheiro.

ESPS - Uma Nova Estaca em Sião

da ESPL: Demar Staníscia; Luíz G. Bistulfi; Dante T. J. Pantiga; Setuo Suzuki e Luíz Cunha, que vieram substituir Rodamés Sceppa, chamado para Bispo da Ala I-Vila Mariana, em lugar de José G. Galhardo, agora presidente do Ramo do Cambucí; Hervé Frederico, agora secretário da ESPL em lugar do saudoso Eduardo Tomanik (falecido); Ferrer da Costa, agora primeiro conselheiro da presidência da ESPS e Ilo M. Souza, agora Presidente do Ramo do Jabaquara.

Na tarde dêsse mesmo dia realizou-se a 17.ª Conferência da ESP, dirigida pelo Presidente Walter Spät, com a presença de cêrca de 1200 pessoas. A sessão decorreu num ambiente de reverente calma. Dentre as várias modificações ocorridas, a transformação do Ramo de Sorocaba II em Ala Sorocaba II, assumiu grande importância: Sorocaba tornou-se a segunda cidade brasileira a ter mais de uma ala. Para bispo da nova ala foi apoiado o Irmão Raimundo J. Libânio.

Da esq. para a dir.: José G. Lopes; Orlando Pagano, Jr.; Walfrido A. Silveira e Camilo Antunes membros do Sumo Conselho da ESPS.

Pouco antes do fim desta reunião, o Apóstolo Hinckley retirou-se, dirigindo-se apressadamente ao Rio de Janeiro onde o esperava a terceira conferência que haveria de presidir num único dia, a do Distrito do Rio de Janeiro, dirigida pelo Presidente João A. Dias Filho. A conferência tinha como um dos seus principais objetivos, avaliar a possibilidade de concretizar a esperada Estaca do Rio de Janeiro. Quase mil pessoas estiveram presentes à reunião, oferecendo uma boa amostragem do distrito, que abrange cêrca de 3000 membros distribuídos em quatro unidades na Guanabara e nos seis outros ramos, em cidades do Estado do Rio de Janeiro e em Vitória.

No dia 11, às 20 horas, Élder Haight, atendedo a solicitação do Pres. Hibbert da MBC, pronunciou-se em uma conferência especial para amigos e parentes de membros da Igreja, realizada com a capela de Pinheiros lotada. No dia seguinte, Élder Haight partiu para Curitiba, afim de presidir uma conferência especial nessa cidade, dirigida pelo Presidente do Distrito, irmão Jason G. Souza, nos dias 12 e 13.

Da esq. para a dir.: Walter Croccia, Primeiro Conselheiro e o Pres. João A. Dias Filho, do DRJ; Walmir Silva, Primeiro Conselheiro da Presidência da MBN.

Grandes Preparativos no

Côro do Distrito do Rio de Janeiro.

Pres. João A. Dias Filho fala aos jovens do DRJ.

Na frente, a partir da esquerda: Pres. Jason G. Souza, do DC; Prefeito Osmar Sabagg, de Curitiba; Élder David B. Haight, Assistente dos Doze e o Pres. Sherman H. Hibbert, da MBC.

Também a conferência de Curitiba tinha por objetivo avaliar a viabilidade da criação futura de uma estaca, um acontecimento ansiosamente esperado. A futura estaca, além de incluir as cinco unidades da Capital paranaense, abrangeria ainda dois ramos de Ponta Grossa, o Ramo de Joinville (a ser cedido pelo MBS) e o ramo de Paranaguá, atualmente em fase de reabertura; cobrindo uma enorme área de cêrca de cem quilômetros de raio, contendo mais de 3500 membros.

À reunião estiveram presentes os Presidentes Sherman H. Hibbert, da MBC; Orson P. Arnold, da MBS; Hélio da Rocha Camargo, da ESPL, representando o CEB e o Irmão F. Ross Jensen, da Construção Geral no Brasil. Como convidados especiais compareceram Osmar Sabbag, Prefeito de Curitiba e cinquenta membros representando o Ramo de Joinville.

A realização dessas cinco conferências em três capitais no período de apenas uma semana foi uma das melhores avaliações do potencial da Igreja, principalmente em têrmos de liderança disponível para dirigir o seu extraordinário progresso entre nós.

de Janeiro e Curitiba

Côro do Distrito de Curitiba.

Congregação do Distrito de Curitiba.

Lobinhos tomaram parte na Expo-móvel.

Élder Tanner trabalhou como recepcionista.

Expo-Móvel Foi à Brasília

Também na Capital Federal a exposição mòvel realizada em princípios de julho foi um sucesso. O grande número de pessoas que afluiu à capela do Ramo de Brasília-MBN teve oportunidade de conhecer vários programas da Igreja em funcionamento mediante recurso a apresentações especiais ao vivo.

O Programa de Escotismo, representado pela tropa de Lobinhos recebeu muitos elogios dos visitantes. O ponto alto do programa foi uma demonstração ao vivo de uma Noite Familiar realizada pelos membros locais.

Uma Orquestra em Família

Uma orquestra em família é exatamente a expressão que melhor descreve a família Wright, cujos treze membros tocam um ou mais instrumentos. Desde quando se casaram, Gordon e Melva L. Wright queriam uma orquestra em família. Logo que cada um dos seus onze filhos ia atingindo a idade adequada (6 a 8 anos), era estimulado a escolher um instrumento para praticar e mais tarde tocar na orquestra.

Membros ativos da Estaca de Granite, a vinte minutos de Salt Lake City, Útah, os Wright têm tocado não sòmente em programações da Igreja como também em várias apresentações cívicas, sociais e na televisão, nas quais têm salientado o caráter de união da família mórmon e divulgado a Igreja.

Atualmente, a orquestra se acha desfalcada de vários talentos. Três dos filhos mais velhos estão servindo em missão de tempo integral: Lovell está na MBN; Layne está na MBS e Gary serve na Missão Nova Zelândia Sul.

Expo-Móvel em Pôrto Alegre

O sucesso que as exposições móveis, que membros e missionários têm levado de ramo a ramo, de ala a ala, em tôdas as missões e estacas, repetiu-se em Pôrto Alegre I, no fim de julho e em Pôrto Alegre V, ramos do Distrito de Pôrto Alegre da MBS.

Cêrca de trezentas pessoas puderam receber melhores informações sôbre os programas e as organizações da Igreja por meio de filmes e salas especiais destinados a darem uma imagem gráfica do Evangelho Restaurado.

Irmã Júlia Modesto exibe os trabalhos da Sociedade de Socorro.

Crianças de Pôrto Alegre V cantam para os visitantes.

A Presidência do Ramo de João Pessoa cumprimenta membros locais. A partir da esquerda: Francisco Diniz, Primeiro Conselheiro; Antônio F. da Silva, Segundo Conselheiro; Luiz P. de Carvalho, Presidente.

Eleitos Para o Sacerdócio Real

a conversão da Presidência do Ramo de João Pessôa - MBN

de um informe do Élder Charles Gunn

Há cêrca de quatro anos, devido a questões que o preocupavam sôbre o fado dos que ouvem o Evangelho nesta vida, um homem tornou-se receptivo à mensagem da Igreja Restaurada. A história da sua conversão, e das conversões que veio a influenciar, constitui um notável capítulo da história da Igreja no Nordeste.

Pouco tempo após a dedicação de João Pessoa ao trabalho missionário, a família Diniz achava-se em frente de sua residência quando por alí passaram os primeiros missionários. Embora pouco tivesse se interessado pelas primeiras lições e fôsse advertido pelo ministro da denominação religiosa a que pertencia, a recusar novas visitas dos missionários, Francisco Diniz foi profundamente tocado por uma lição que respondia suas questões sôbre a salvação para os mortos. "Comecei então a ler o Livro de Mórmon e realmente a investigar a Igreja," disse êle.

A 2 de julho de 1966, Francisco Diniz e sua família receberam o batismo na praia próxima de sua casa. "Apesar do mau tempo, foi o melhor dia da minha vida... mudou e ampliou as perspectivas da minha existência."

Sua convicção logo despertou o interêsse de seu primo, Antônio F. da Silva, ministro da congregação a que pertencia. O Rev. Silva estudara teologia e idiomas bíblicos intensivamente e trabalhara como ministro por 15 anos nas principais cidades do Nordeste. Embora objetasse à conversão do primo, quando êste lhe enviou os missionários e literatura sôbre a Igreja, começou a estudar sèriamente o Evangelho. Suas interrogações de há anos sôbre a salvação para os mortos e sôbre a autoridade no ministério tal como fôra nos dias dos primeiros apóstolos começaram a se esclarecer e assim como seu primo, foi profundamente influenciado pelo Plano de Salvação.

Ao tornar-se mais e mais interessado no Evangelho restaurado, os oficiais da denominação religiosa a que pertencia procuraram dissuadí-lo, oferecendo-lhe maior remuneração pelo seu trabalho. "Quando isto aconteceu, revoltei-me contra o sistema do ministério evangélico remunerado," disse êle.

O Irmão Silva e seu filho foram batizados em 10 de outubro de 1966, um mês depois, sua espôsa e suas filhas os acompanharam.

O Eng. Luiz P. de Carvalho era o oficial que administrava uma congregação da mesma denominação a que pertenciam os dois irmãos anteriores. Quando os missionários o abordaram pela primeira vez na rua, afirmou-lhes a satisfação que tinha com a sua denominação dizendo-lhes que não estava interessado. Sua segunda oportunidade veio quando os missionários passaram por sua casa. "A congregação à qual eu pertencia aconselhou-me a não dar ouvidos aos mórmons, mas achei que deveria decidir por mim mesmo em questões tão importantes quanto religião," comentou. Enquanto decidia por si mesmo, o Irmão Carvalho dava o que fazer aos missionários. As visitas que lhe fizeram os Irmãos Diniz e Silva e a firme decisão da sua espôsa em batizar-se foram fatôres decisivos em sua conversão.

O Irmão Luiz Pessoa de Carvalho é o atual Presidente do Ramo de João Pessoa - MBN. O Irmão Francisco Diniz foi chamado para Primeiro Conselheiro e o Irmão Antônio Ferreira da Silva para Segundo Conselheiro.

Hoje, o ramo de João Pessoa é um dos mais fortes do Distrito de Pernambuco e conta já com mais de 150 membros. A rapidez de crescimento verificada em uma unidade tão nova poderia ser um sinal da urgência dêstes últimos dias.

O Essencial é Mostrar-lhes

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Certamente, há preocupação pelos jovens, pelos seus problemas e pela maneira largada como alguns dêles, por vêzes, vivem sua vida. Mas, deveríamos admitir, como uma das causas de tal preocupação, que em parte êles são o produto da atmosfera física, moral e espiritual que têm, os mais velhos, permitido ou tornado possível — pelos atos, atitudes, exemplo de outros: algumas vêzes os pais e os professôres; por outras, os fabricantes e vendedores de coisas; os produtores e distribuidores de diversões impuras; os que têm afrouxado na aplicação da lei, que têm explorado a imodéstia, abandonado os mandamentos e desprezado as salvaguardas da vida. Com tôda honestidade, devemos admitir que muito das dificuldades dos jovens provém da negligência e da má orientação dos adultos — ao falharem em dar o exemplo que a juventude pudesse seguir com segurança. Não que a juventude esteja livre da responsabilidade das suas próprias ações e decisões, mas outros que deveriam saber melhor devem partilhar algo da responsabilidade por qualquer degradação que ocorra na qualidade da vida. Falamos-lhes muito mais do que lhes mostramos — e nem mesmo lhes dizemos tão bem quanto deveríamos. Além disso, mais e mais lhes provemos fisicamente e menos moral e espiritualmente, deixando-os, muitas vêzes, com muito pouca atividade proveitosa esquecendo-nos freqüentemente de que são capazes de aprender muito mais, de fazer muito mais, de ser muito mais. Em larga escala viverão segundo o que dêles esperarmos (suficientemente cedo) e exemplificarmos pela sinceridade da vida que vivermos. Devemos partilhar com êles tão cedo quanto fôr possível a urgente tarefa do mundo e nos certificarmos de que os desafiamos e lhes confiamos uma séria tarefa. E ao moldá-los, faríamos bem em nos assegurarmos de que lhes mostramos o que devem ser, por aquilo que somos — porque, baixos ou elevados, bons ou maus, felizes ou infelizes, morais ou imorais, puros ou impuros competentes ou incompetentes, precisamos partilhar da responsabilidade pela maneira como êles vivem sua vida. É muito bom dizer-lhes — mas é absolutamente essencial mostrar-lhes.